



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Contribuição para o Estudo e Gestão do Património Arqueológico ligado ao antigo  
Povoamento Costeiro do Norte de Moçambique.**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane.

**Por: Abudo Faquira**

**Maputo, 2015**

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO E GESTÃO DO PATRIMÓNIO  
ARQUEOLÓGICO LIGADO AO ANTIGO POVOAMENTO COSTEIRO DO NORTE  
DE MOÇAMBIQUE.**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane por Abudo Faquira

**Departamento de Arqueologia e Antropologia**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: **Dr. Ricardo Teixeira Duarte**

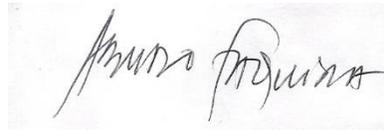
Co - Supervisor: **dr<sup>a</sup>. Marta Langa**

Maputo, 2015

O Júri:			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
_____	_____	_____	____/____/____

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau e que a mesma constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicada no texto a bibliografia e fontes que utilizei.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Abudo Faquira', is centered on the page. The signature is written in a cursive style.

---

(Abudo Faquira)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus Pais Faqira Omar e Muanacha Momade que me incentivaram directa/ indirectamente a prosseguir com os meus estudos para a obtenção de grau de Licenciatura.

## **AGRADECIMENTOS**

Endereço o meu agradecimento, em primeiro lugar ao meu Supervisor Ricardo Teixeira Duarte, pelo incansável incentivo e pelas oportunidades concedidas para aquisição do conhecimento e experiências nas pesquisas arqueológicas.

Agradeço igualmente a ADEF (Associação Moçambicana para o Desenvolvimento e Ensino), em especial ao Sr. Mussa Tamimo Mussa, pelo acolhimento e apoio que me deu durante os 4 anos da minha formação na cidade de Maputo.

Os meus agradecimentos são extensivos ao corpo docente da Universidade Eduardo Mondlane, em particular ao Departamento de Arqueologia e Antropologia. Agradeço á Dr<sup>a</sup>. Yolanda Teixeira Duarte pelo acompanhamento e pelo fornecimento da bibliografia referente a origem Swahili na costa oriental africana.

Os meus agradecimentos vão também para os meus colegas de formação em Arqueologia e Gestão do Património Cultural, aos meus irmãos e colegas da residência ADEF e todos aqueles que de alguma forma contribuíram directa e indirectamente para que este trabalho pudesse atingir o seu Propósito, o meu JAZZAK ALLAHU HAIRA!!

Aos meus Pais Faqira Omar e Muanacha Momade, pelo sacrifício feito para que nada me faltasse ao longo da minha ausência do convívio familiar durante a formação. Aos meus irmãos Issufo, Sisqo, Ide, Muapenta e Muaqueira e aos meus amigos, em particular o meu cunhado Azuri Mário e Chefe Jardel pela motivação e força para que não desistisse do Curso.

## **Resumo**

O envolvimento no comércio a longa distância no Oceano Índico contribuiu para a prosperidade das sociedades costeiras, resultando assim, no desenvolvimento de centros urbanos ao longo da costa oriental africana. Em Moçambique esses centros estão evidenciados em ruínas, tradições de cerâmicas e outros vestígios que testemunham a ocupação dessas comunidades ao longo da costa, nas estações arqueológicas de Somaná, Lumbo, Ilha de Moçambique, Foz do Lúrio e Quissanga Praia, etc. Estes monumentos e estações arqueológicas têm estado sujeitas a um processo de degradação que exige medidas urgentes para a criação de um sistema de gestão para a sua correcta conservação.

**Palavras-chaves:** Sociedades Costeiras, Conservação, Costa Norte de Moçambique.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1-</b> Localização geográfica da área de estudo.....	5
<b>Figura 2-</b> Geomorfologia costeira de Moçambique.....	7
<b>Figura 3-</b> Características físicas da região norte de Moçambique.....	9
<b>Figura 4-</b> Estabelecimentos ligados com a comunidade Swahili na costa oriental africana.....	16
<b>Figura 5-</b> Línguas Swahili em África.....	17
<b>Figura 6-</b> Ruínas de Somaná, elementos arquitetónicos de influência Swahili do período Clássico.....	22
<b>Figura 7 e 8-</b> Arquitectura Swahili na costa Oriental africana das ruínas de Gedi e Kilwa (Kenya e Tanzânia) respectivamente.....	22
<b>Figura 9-</b> Arquitectura renascentista das ruínas de Pangane.....	24
<b>Figura 10-</b> Cerâmica da tradição Tana.....	26
<b>Figura 11-</b> Cerâmica da tradição Nampula A.....	28
<b>Figura 12-</b> Cerâmica da tradição Nampula B.....	28
<b>Figura 13-</b> Cerâmica da tradição Monapo.....	28
<b>Figura 14-</b> Cerâmica da tradição Lumbo.....	29
<b>Figura 15-</b> Cerâmica da tradição Sancul.....	30
<b>Figura 16-</b> Mapa da Estação arqueológica da Ilha de Moçambique.....	33
<b>Figura 17-</b> Mapa da Estação arqueológica de Somaná.....	35
<b>Figura 18-</b> Mapa da Estação arqueológica da Foz do Lúrio.....	37
<b>Figura 19-</b> Elevada concentração de fragmentos de cerâmicas na superfície da estação da Foz do Lúrio.....	38

<b>Figura 20-</b> Porcelana portuguesa do Séc. XX, Foz do Lúrio.....	39
<b>Figura 21-</b> Periodo anterior e superior da porcelana Chinesa da Quissanga Praia, 1-5, 7-8. Porcelana do século XX, da Quissanga Praia, 6,9-16.....	41
<b>Figura 22-</b> Equipa de pesquisa em Angoche.....	42
<b>Figura 23-</b> Tabela de controlo de nível de conservação das estações Arqueológicas da zona costeira do norte Moçambique.....	43
<b>Figura 24-</b> Gráfico de controlo de nível de conservação das estações arqueológica no norte de Moçambique.....	44
<b>Figura 25-</b> Imagens evidenciando trabalho de consolidação das ruínas de Somaná.....	45
<b>Figura 26-</b> Painel de nicho das ruínas de Somaná, onde retiram pedaços de pedra de coral das construções para fazerem medicamento tradicional.....	46

## Índice

DECLARAÇÃO .....	III
DEDICATÓRIA .....	IV
AGRADECIMENTOS .....	V
Resumo .....	VI
Lista de Figuras.....	VII
<b>CAPÍTULO-I</b> .....	1
1. Introdução.....	1
1.2. Problema da Pesquisa .....	2
1.3. Objectivo Geral:.....	3
1.3.1. Objectivos Específicos: .....	3
1.4. Metodologia.....	3
1.5. Justificação.....	4
1.6. Localização Geográfica e características físicas da área em estudo .....	5
1.6.1. Geologia e Geomorfologia Costeira da região norte de Moçambique .....	6
1.6.2. Clima.....	7
1.6.3. Relevo .....	8
1.6.4. Vegetação.....	8
1.6.5. Solos.....	8
<b>CAPÍTULO-II</b> .....	10
2. Enquadramento Histórico .....	10
2.1. Pesquisas anteriores no norte de Moçambique .....	11
<b>CAPÍTULO- III</b> .....	13
3. Povos e culturasdo norte de Moçambique: Macuas, Maconde e Swahili.....	13
3.1. Macuas .....	13
3.1.2. Macondes .....	13

3.1.3. Swahili .....	14
3.2. Dialectos Swahili no norte de Moçambique .....	16
3.3. Organização política e social das sociedades costeiras.....	17
3.4. Organização Económica das sociedades costeiras.....	19
3.5. A Arquitectura na região costeira do norte de Moçambique integrada na África oriental .....	21
3.6. Tradições de Cerâmica da região costeira do norte de Moçambique .....	25
<b>CAPÍTULO -IV</b> .....	31
4. Estações arqueológicas Ligadas ao comércio a longa distância no norte de Moçambique .....	31
4.1. Ilha de Moçambique .....	31
4.2. Lumbo .....	33
4.3. Sancul.....	34
4.4. Somaná.....	34
4.5. Foz do Lúrio.....	36
4.6. Quissanga Praia.....	40
4.7. Angoche .....	41
<b>CAPÍTULO- V</b> .....	42
5. Estado de conservação das estações arqueológicas ligadas ao comércio a longa Distância no norte de Moçambique .....	42
5.1. Factores que afectam a deterioração e destruição das estações arqueológicas.....	44
a) Factores naturais .....	44
b) Factores Humanos .....	45
5.2. Desafios para conservação das estações arqueológicas .....	47
6. Considerações Finais .....	48
Referências Bibliográficas .....	49



## CAPÍTULO-I

### 1. Introdução

O presente trabalho aborda a “*Contribuição para o estudo e gestão do património arqueológico ligado ao antigo povoamento costeiro do norte de Moçambique*”. Esta região possui uma riqueza enorme de evidências arqueológicas e monumentais, nomeadamente: ruínas, tradições de cerâmica e outros vestígios culturais que testemunham a integração das comunidades do norte de Moçambique na antiga rede comercial do Índico (Duarte 1995).

De acordo com Duarte & Menezes (1994, p.3), a existência de vários dialectos Swahili na região norte de Moçambique evidencia que esta região encontra-se incluída naquilo que se pode designar “*Mundo Swahili*”. O estudo destas comunidades tem tido pouco em conta as evidências materiais de natureza arqueológica (Duarte 1993).

Assim, torna-se importante ligar a História desta região e a História geral da costa oriental de África e do Oceano Índico (Duarte & Menezes 1994, p.3). Esta ligação passa pela compreensão das sociedades costeiras, com características culturais diversificadas e uma História comum que se estende desde Moçambique até a Somália.

No que concerne ao presente trabalho, este compreende cinco (5) capítulos. O primeiro capítulo é composto por uma introdução, pela exposição de aspectos metodológicos, pela apresentação dos objectivos geral e os específicos, bem como a sua problematização e respectiva justificação do tema e delimitação da área de estudo, na qual abordamos os aspectos relacionados com as características físicas e morfológicas da região. O segundo capítulo aborda o contexto histórico a nível da costa oriental africana e apresenta um historial das pesquisas arqueológicas levadas a cabo na região norte de Moçambique.

O terceiro capítulo apresenta povos do norte de Moçambique nomeadamente: Macuas, Maconde, Swahili, tendo como referência as principais actividades económicas; modos de vida e tradições culturais (arquitectura, tradições de cerâmica).

O quarto capítulo alude às estações arqueológicas associadas com o desenvolvimento do comércio a longa distância. Para o efeito da descrição das características e identificação das principais evidências seleccionamos as seguintes estações arqueológicas: Ilha de Moçambique, Lumbo, Sancul, Somaná, Foz do Lúrio e Quissanga Praia e Angoche.

O quinto capítulo aborda a problemática da conservação deste património. Neste caso foi ilustrado uma tabela e o respectivo gráfico representativo do estado de conservação dos vestígios monumentais. Apresentamos também os factores que afectam a deterioração das estações e os desafios para a conservação e gestão.

### **1.2.Problema da Pesquisa**

Existem poucos estudos realizados sobre as comunidades que se desenvolveram ao longo da zona costeira do norte de Moçambique, no período de transição das sociedades de caçadores-recolectores para as comunidades tardias utilizadores de ferro (Madiquida 2007). Portanto, este facto tem criado uma lacuna na compreensão da dinâmica da vida das comunidades que ocuparam a região costeira do norte de Moçambique.

A região da costa oriental africana é bastante rica em evidências materiais do ponto de vista arqueológico para o estudo das sociedades e núcleos urbanos que se desenvolveram no âmbito da interligação com a antiga rede comercial do oceano Índico e a sua ligação com o designado “*Mundo Swahili*”.

De acordo com Duarte & Menezes (1994, p.3-5):

*“Embora o Swahili seja fundamentalmente conhecido como uma designação linguística, o facto é que não é só a língua que identifica este grupo, existem outras expressões culturais como arquitectura e a cerâmica, que nos permitem individualizar os Swahili como um grupo com uma cultura própria. A reconstituição do processo de dispersão e o conseqüente desenvolvimento desta comunidade, ao longo da costa, assume grande importância na composição social das cidades costeiras, especialmente do seu substrato social”.*

As evidências da emergência e o desenvolvimento das comunidades Swahili, ao longo da costa oriental africana, são insuficientemente conhecidas. Por outro lado as sociedades do norte de Moçambique caracterizam-se por uma diversidade étnica, encontrando-se diversos grupos, sendo os principais os Swahili os Macua e os Maconde, estando ainda muito pouco estudado o seu inter-relacionamento e contribuição para o desenvolvimento dos centros urbanos costeiros.

### **1.3.Objectivo Geral:**

- Estudar as sociedades costeiras no norte de Moçambique através das evidências arqueológicas com base nos trabalhos já efectuados.

#### **1.3.1. Objectivos Específicos:**

- Fazer o levantamento e descrição das estações arqueológicas e evidências materiais das antigas sociedades costeiras do norte de Moçambique, integradas no contexto da África Oriental e do designado “*Mundo Swahili*”.
- Relacionar as evidências linguísticas Swahili em Moçambique com as evidências arqueológicas;
- Discutir a ligação das tradições de cerâmica nas estações arqueológicas com características culturais étnicas;
- Analisar as características arquitectónicas e as suas afinidades culturais;
- Descrever e analisar o estado de conservação das estações arqueológicas ligadas ao comércio a longa distância no norte de Moçambique.

### **1.4.Metodologia**

O estudo foi desenvolvido através da pesquisa bibliográfica e da análise do material arqueológico das pesquisas anteriores na região norte de Moçambique que estão depositados no Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane.

Os resultados obtidos nas investigações realizadas nesta região foram revistos principalmente a partir das obras de Ricardo Teixeira Duarte (1993) e Hilário Madiquida (2007). Esta pesquisa culminou com a elaboração do trabalho escrito baseado na seguinte forma:

- Estudo das Estações arqueológicas, tendo em atenção os trabalhos realizados no passado e espólio recolhido.
- Estudo das características arquitectónicas baseado em imagens e publicações, tendo efectuado comparações com outras estações da região como por exemplo no Quénia, Tanzânia, Madagáscar e Somália.
- Investigação da arquitectura da costa oriental africana através das publicações disponíveis.
- Avaliação do estado de conservação das estações arqueológicas da região costeira do norte de Moçambique.

### **1.5. Justificação**

O meu particular interesse para o estudo das comunidades costeiras na região norte de Moçambique e suas características culturais deve-se ao facto de fazer parte desse complexo, razão pela qual, pretendo compreender a origem da minha cultura. A insuficiência dos estudos, até agora, realizados, tem tido bastantes limitações para a compreensão da vida das comunidades costeiras na região norte de Moçambique.

A outra razão está relacionada com o estado de conservação das estações arqueológicas ligadas à antigas sociedades costeiras no norte de Moçambique. Apesar dos vários esforços levados a cabo pelos arqueólogos e instituições que lidam com a conservação das estações arqueológicas, muitas delas encontram-se num estado avançado de degradação, devido a diversos factores a destacar a falta de ligação expressiva entre os depositários das estações arqueológicas e as comunidades locais. Nesta perspectiva, pretendo com este trabalho contribuir com algumas recomendações para a preservação do património cultural do norte de Moçambique.

### 1.6. Localização Geográfica e características físicas da área em estudo

A região norte de Moçambique localiza-se na zona setentrional que abrange toda área compreendida entre o Rio Rovuma ao norte (10° 27' Sul) e a bacia do Rio Zambeze ao sul, sensivelmente nas imediações do paralelo de 18° sul, incluindo a parte oriental da província de Tete. (Muchangos 1999, p.111; Figura 1 ).

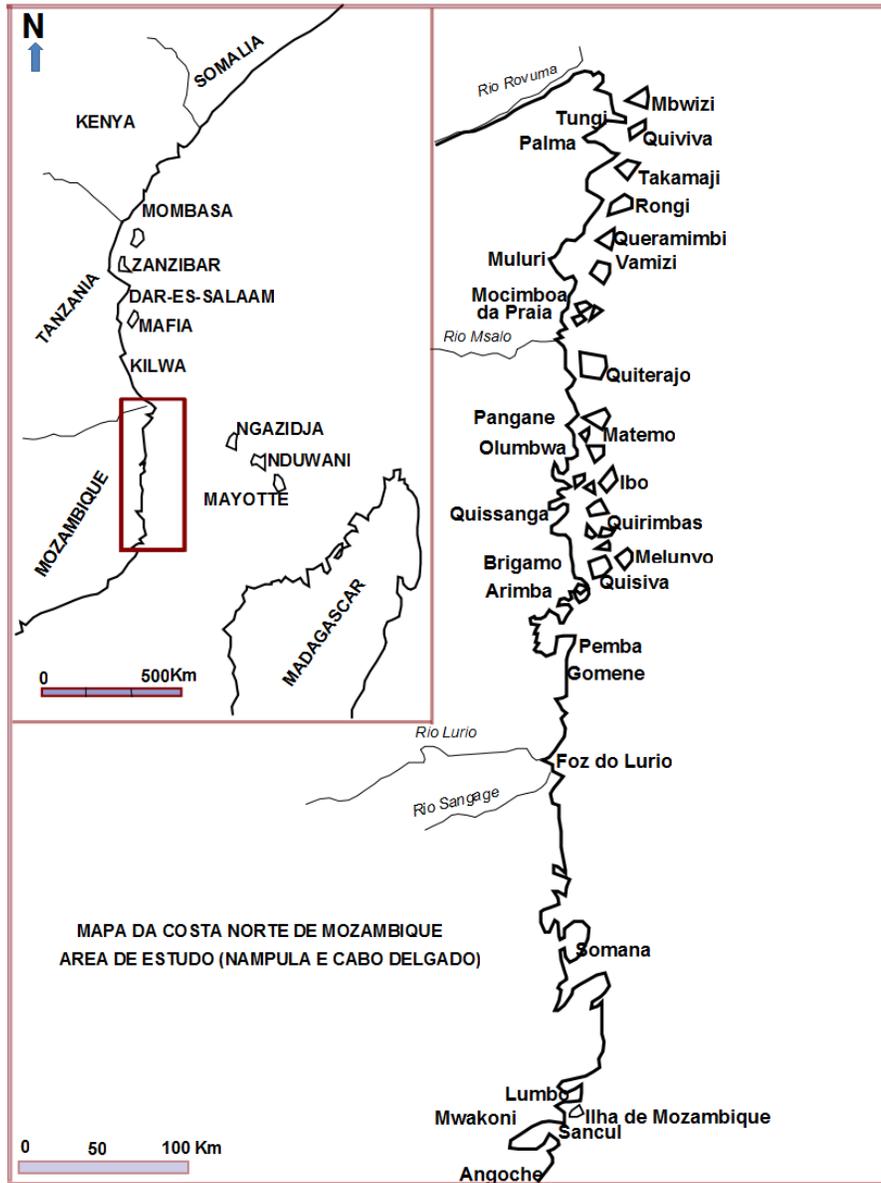


Figura 1: Mapa da área de estudo das estações arqueológicas mencionadas no texto, adaptado de Duarte (1993).

### **1.6.1. Geologia e Geomorfologia Costeira da região norte de Moçambique**

De acordo com Muchangos (1998, p.111-115), na zona costeira, o substrato geológico é constituído por sedimentos recentes do Cretácico ao Holoceno de origem marinha e continental sobretudo no terciário indiferenciado. Estas rochas apresentam graus diferentes de consolidação, muitas vezes discordantes das formações de Karoó (Adamowicz 1987, p.52). De acordo com Micoa (1998, p.61), constituem excepções alguns retalhos que ocorrem em Memba e Nacala, onde afloram formações granito-gneissicos e uma estreita faixa costeira entre Quissanga e Mogincual constituída por calcários, margas e grés. Muchangos (1998) entende que morfologicamente, a partir do litoral aumenta a altitude de Este para Oeste em sucessão de unidades morfológicas correspondentes aos principais ciclos de erosão que modelaram todo o continente africano ao sul de Sahara e que constituem as linhas fundamentais da diferenciação das suas paisagens e regiões.

Duarte (2013, p.13) afirma que, esta é uma das regiões da costa moçambicana composta por várias ilhas, cabos, recifes de coral, baías e baixios ao longo do ambiente marinho costeiro. Nesta zona é onde se localiza a maior extensão de corais contínua, num comprimento cerca de 700 km, desde a foz do Rovuma na latitude 10<sup>0</sup> S até as ilha primeiras e segundas na latitude 17<sup>0</sup>S (Hoguane 2007). Os Corais que constituem esta região costeira são classificados como sendo hermatípicos através da sua dependência da simbiose com algas Zooxanthelas. Os mais importantes recifes de corais ocorrem em baixo Pinda a norte de Nacala (Duarte 2013, p.13), na Península ao sul da foz do rio Lúrio (entre a ponta Metacua e Sarrise) e entre Pemba e Mecufi (Micoa 1998; Hoguane 2007, p.71-77).

A região possui uma linha muito alta e recordada com baías profundas tais como: Pemba, Nacala e Memba. A plataforma continental é estreita com banco de importância ecológica notável, como é o caso do Banco de São Lázaro, no alto mar adjacente a Província de Cabo Delgado (Hoguane 2007, p.75). É uma zona que possui numerosas Ilhas que se estendem ao longo da costa como as de arquipélago das Quirimbas e da Ilha de Moçambique, todas de formação rasa e cobertas por uma delegada camada de humus com uma vegetação rasteira com a mesma configuração. Para além das ilhas, a região possui também uma série de baixios que tornam a navegação perigosa (Rego 1904, p.12-13; Figura 2).



montanhosas. Para Azevedo (1955, p.149-51) citado por Madiquida (2007, p.38), o regime das chuvas é causado pelas chuvas de Monções, que caem com a humidade dos ventos do mar das monções noroeste, mas as primeiras chuvas não são tão fortes. A estação chuvosa inicia em Dezembro e continua até Abril. A área é sujeita a ciclones do Ocidente do Oceano Índico, que ocasionalmente afectam esta costa.

### **1.6.3. Relevo**

Segundo a configuração do relevo, são vários rios que atravessam a região norte de Moçambique de Oeste para Este em direcção ao Oceano Índico (Muchangos 1999, p.112). Os principais rios são: Rovuma, Messalo, Lúrio, Ligonha, Meluli, Metombe, Mogincual e Monapo (Adamowicz 1987, p.51; Muchangos 1999, p.112; Duarte 2013, p.14). Alguns rios ocorrem paralelamente à costa na sua parte terminal, devido à configuração do relevo, criam formas típicas de confluências, normalmente revestidas de mangal exuberante (Micoa 1998, p. 58-61).

### **1.6.4. Vegetação**

A vegetação no litoral é de dunas, savanas de árvores decíduas e savanas de acácia, mistura de mata de arbóreo com Miombo decíduo seca, modificada extensivamente pela actividade humana, principalmente a agricultura (Duarte 2013, p.14; Muchangos 1999, p.114). Há ocorrência de floresta aberta semidecíduas húmida com matas e plantas leguminosas dos géneros *Landolphia* e *Dalbergia Fernadoa* (Micoa 1998, p.71-72; Madiquida 2007, p.42; Muchangos 1999, p.114). Esta floresta ocorre perto dos lagos, estuários, riachos e em sedimentos de aluviões nas margens dos rios ou na costa. Os Mangais são também típicos destas localidades e têm sido explorados pelas comunidades costeiras desde os primeiros tempos para uso local ou exportação (Madiquida 2007, p.43).

### **1.6.5. Solos**

A maior parte da região norte de Moçambique encontra-se coberta por solos zonais tropicais ferralíticos. As condições locais de humidade e sobretudo as condições dependentes do relevo provocam as principais diferenças pedológicas (Muchangos 1999, p.113-114). Em conjugação com factores morfológicos, hidrológicos e fitogeográficos, os solos desta região tem tendência

para formação de crateras que são mais evidentes sobre rochas eruptivas e metamórficas (Micoa 1998, p.56).No litoral, os solos identificam-se da costa para o interior caracterizadas pelos solos arenosos de dunas costeiras entremeados com solos de mamangas e arenosos variados, solos de profundidade moderada oriundos de rochas sedimentares e/ou misturados com outros solos arenosos, solos vermelhos de texturas fina grossa e solos coluviais (Adamowicz 1987, p.56; Micoa 1998, p.72; Figura 3).

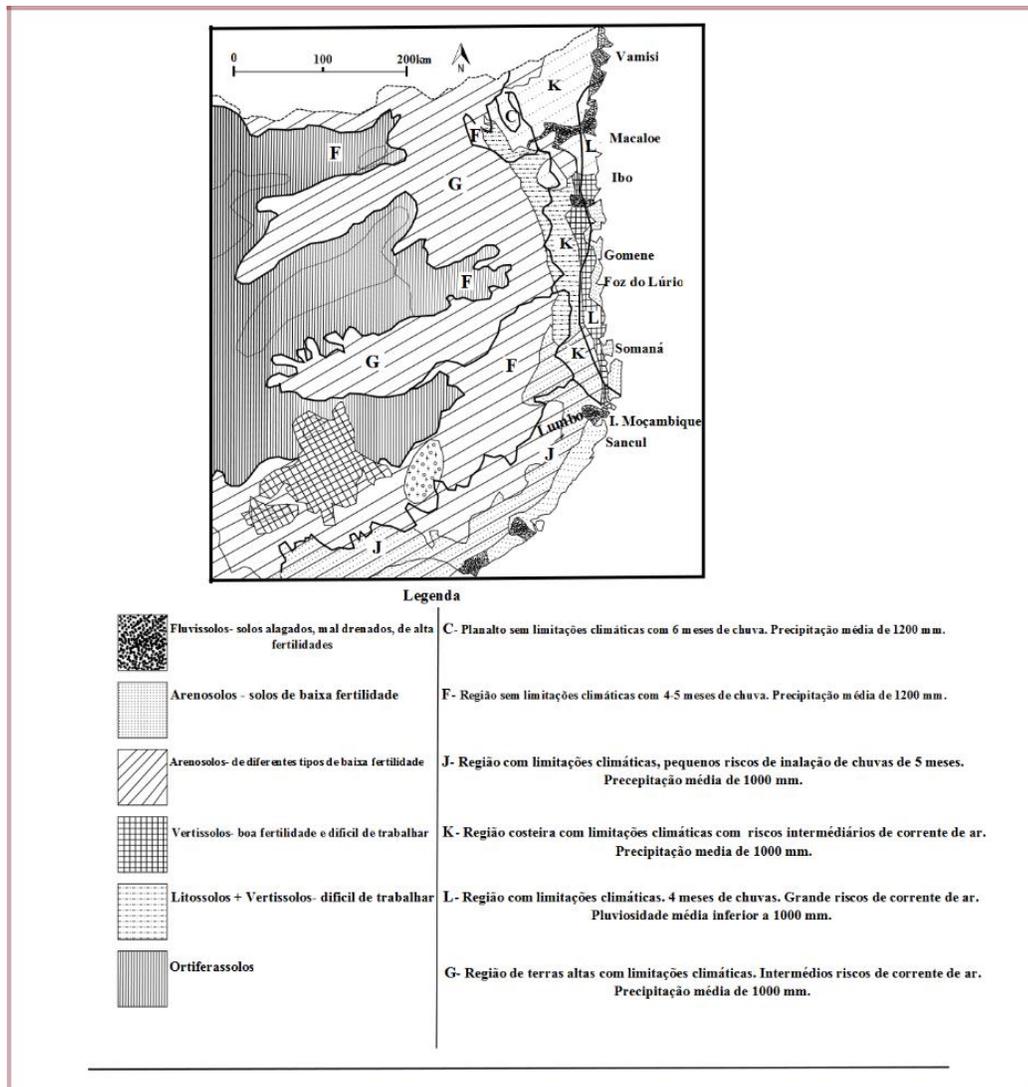


Figura 3: Mapa das características Físicas da região Norte de Moçambique, adaptado de Duarte (1993).

## CAPÍTULO-II

### 2. Enquadramento Histórico

Antes da emergência de estabelecimentos permanentes das comunidades agrícolas, a costa oriental africana foi ocupada por comunidades de pastores praticantes da transumância (migração periódica) (Madiquida 2007, p.14). Estas comunidades saíram do interior para a costa no final do Holoceno, como caçadores-recolectores de frutos e cereais selvagens (Madiquida 2007, p.15). Segundo Chami (1994), houve um desenvolvimento gradual desde as comunidades de agricultores e pastores para as comunidades tardias de comércio ao longo da costa, como também uma forte ligação entre as comunidades do interior e da costa.

De acordo com Sheriff (1980, p.610), o testemunho arqueológico indica uma infiltração rápida a partir do interior para a região costeira das comunidades que utilizavam o Ferro, provavelmente de língua Bantu durante o primeiro milénio. Mas não existe um padrão satisfatório da economia dessas comunidades na costa oriental antes do estabelecimento das ligações comerciais internacionais.

A fonte escrita mais importante sobre a costa oriental africana é o *Periplus Maris Erythraei* – *Périplo do Mar da Eritreia* de testemunho ocular descrito por um agente comerciante Grego, de um período desconhecido, mas que foi sugerido por Prieene no Século III d.c. (Palmer 1949, p.136-141). Vários autores sugerem que, o *periplus* descreve um período ainda próspero do comércio romano no Oceano Índico anterior a *Geografia de Ptolomeu* (Ptolomeu 1901, p.743-745). Esta *Geografia de Ptolomeu* (+ 156), indica um aumento considerável do conhecimento do Oceano Índico em geral e da África Oriental em particular. A última fonte documental para o período é a *Topografia cristã* de Cosme Indicopleustes escrita durante a primeira metade do Século VI n.e. (Mccrindle 1879 citado por Sheriff 1980, p.609), esta obra pertence a uma época em que o império e o comércio romano na costa oriental africana já haviam entrado em declínio. O *periplus* descreve que os habitantes da costa oriental africana eram de estatura muito alta (Palmer 1949). De acordo com Oliver (1966), sugere que eles eram cuxitas, comparáveis aos primeiros agricultores, que habitavam as terras altas do Kenya desde o ano -1000 e que segundo os testemunhos arqueológicos disponíveis sustentam que eram homens de elevada estatura.

De referir que não há evidências claras sobre a organização sócio-político deste período, embora *o periplus* menciona a existência de chefes em cada cidade ao longo da costa oriental africana como resultado do comércio internacional (Sheriff 1980, p.612). Mas para Nicholls (1971) citado por Duarte (1993, p.39), a organização política das sociedades Swahili está ligada à organização social dos grupos matrilineares Bantu do leste africano, apesar da sua influência islâmica. Estas e outras evidências indicam-nos a base local destes núcleos populacionais de origem Bantu.

A expansão demográfica e o desenvolvimento urbano ao longo da costa oriental africana está associada a dois factores importantes a considerar:

1. A existência de recursos naturais atraentes para habitação das primeiras comunidades agrícolas, onde a pesca desempenhava um papel importante na economia;
2. O desenvolvimento do comércio a longa distância com Ásia a partir do primeiro século do primeiro milénio AD (Sheriff 1980, p.569; Madiquida 2007, p.16).

Estudos realizados durante o período da presença portuguesa, falam de centros urbanos originados por imigrantes do Sudoeste da Ásia (Oman, Arábia, Índia, dinastia Sassânida, Pérsia etc.), na costa norte moçambicana (Macamo 2003). Contudo, os relatos dos primeiros navegadores do Sudoeste da Ásia para esta costa mencionam os primeiros contactos com os “Zanj” (pessoas de pele negra), que indicaram que a costa foi ocupada antes da chegada deles.

### **2.1.Pesquisas anteriores no norte de Moçambique**

Os primeiros estudos na região norte de Moçambique começaram com Wayland (1915), na província de Nampula, distrito de Monapo que evidenciou artefactos da Idade da Pedra perto do Rio Monapo (Meneses 1988). Em 1940, iniciam os trabalhos da missão antropológica de Moçambique e de Amaro de Monteiro por volta de 1960.

Soares de Castro (1961) publica *”a pré-história de entre Ligonha e Rovuma publicado no Boletim do Museu de Nampula em 1961 ”*, onde investigou as pinturas rupestres de Campote no distrito de Amaramba. Essas pinturas representam um monólito de grandes dimensões, com sinais esquemáticos de difícil interpretação, uns rabiscados, outros desenhados, provavelmente com auxílio dos dedos a vermelho e Laranja. De acordo com Oliveira (1971, p.60), no mesmo

ano o francês François Balsan descobre as pinturas rupestres de montes Malembué, Lussembagué e Lua onde publica no seu livro “*Terres vierges Au Mozambique*” e no trabalho “*Les Yao de la Zone Inexploree d du Nord- Mozambique*” publicado no Boletim da Sociedade de Etnografia de Paris em 1962.

Trabalhos de prospecção e escavação arqueológica foram também realizados por Ricardo Teixeira Duarte, a partir de 1976, tendo os respectivos resultados sido apresentados na obra “*Northern in Mozambique in the Swahili World*” (Duarte 1993).

Sinclair (1985) foi o primeiro arqueólogo a fazer um trabalho de prospecção arqueológica sistematizado no norte de Moçambique, cujo resultado foi publicado no livro “*Reconhecimento Arqueológico do norte de Moçambique*”. Durante os trabalhos de pesquisa, foi localizada a estação arqueológica de Murecane, a primeira da Idade do Ferro Inicial a ser descrita na região Setentrional de Moçambique e efectuou uma abordagem às tradições da olaria da região norte de Moçambique.

Leonardo Adamowicz (1980; 1987;1994) no âmbito do projecto “CIPRIANA”, continuou com os trabalhos arqueológicos, tendo feito pesquisas intensivas na província de Nampula que culminou com a identificação várias de estações arqueológicas como: 9 abrigos rochosos com pinturas rupestres, depósitos da Idade da Pedra e Primeiras comunidades Agro-pecuárias; 92 estações nos vales dos rios e colinas; 27 estações ao longo da costa; 23 estações com depósitos da Idade da Pedra e 73 estações com datações que vão desde a Idade de Ferro Inferior.

Madiquida (2007) efectuou pesquisas arqueológicas na província de Cabo Delgado com o objectivo de continuar os estudos anteriores feitos por Sinclair (1985), Duarte (1993); Duarte & Menezes (1994); Adamowicz (1980), como forma de entender a origem e desenvolvimento das primeiras comunidades agrícolas na costa e os centros urbanos Swahili. O objectivo deste estudo era a produção de informação sobre a História da área integrada dentro da grande região de Cabo Delgado. As pesquisas incidiram concretamente na estação de Quissanga Praia, tendo indicado esta zona como a mais antiga com evidências da ocupação Árabe e Swahili na costa norte de Moçambique.

## **CAPÍTULO- III**

### **3. Povos e culturas do norte de Moçambique: Macuas, Macondes e Swahili**

#### **3.1. Macuas**

De acordo com Mattos (2012, p.57), o termo Macua é empregado para designar os povos do norte de Moçambique falantes da língua Bantu Emakua e tem a sua origem na palavra *Nikwa* (plural *Makuwa*), que significa grande extensão de terra. Este termo restringe à designação dos povos do *hinterland*, isto é, do continente ou do interior da Ilha de Moçambique que sendo diferenciado de outras populações como os Maraves e dos Yao. Apartir do século XIX o etnonimo Macua passou a representar especificamente as sociedades localizadas no interior da província de Nampula.

Os Macuas encontravam-se distribuídos por uma enorme região desde a parte central de Tanzania até Malawi incluindo a região oriental da Zambia por volta de 1000 AD(Adamowicz 1987, p.82). Mas mais tarde expandiram-se em direção á região costeira,onde absorveram elementos da religião e cultura de emigrantes Árabes (Madiquida 2007, p.49).

De acordo com Weule (2000, p.89), citado por Madiquida (2007, p.49), a origem dos Macuas evidencia que este grupo viveu perto do rio Messalo e mais tarde emigrou para o monte Mtimbo ao norte do rio Rovuma.

De acordo com Madiquida (2007), esta ideia relaciona-se com as vias de expansão Bantu, desde a região dos grandes lagos para o Sudeste (actual Tanzânia). Nesta optica de ideias, foram identificados duas direcções principais: para a costa de Moçambique e oeste do Zimbabwe.

#### **3.1.2.Macondes**

De acordo com Madiquida (2007),os Macondes vem de terras baixas perto do rio Rovuma do clã Sinambogwa (o clã de sitnguli dos antepassados Maunda) de origem Makuwa.É muito pouco conhecida a origem e cultura histórica dos Macondes. As pesquisas feitas por Weule no início do século XII, indicam que os Makondes são parentes dos Maaraba, que vivem na zona costeira

perto de Mikindani. De acordo com Duarte (1987, p.26), o povoamento Maconde individualiza-se no Planalto de Mueda e também encontram-se distribuído em núcleos de povoamento em Macomia e Palma.

Em todas comunidades do norte de Moçambique, os Macondes são considerados os melhores artistas escultores e produtores de cerâmica fazendo diferentes tipos de itens, usados para a preparação de alimentos: jarros de água, potes para cozinhar, tampas e pratos (Madiquida 2007).

De acordo com Madiquida (2007), tradicionalmente, os Macondes, como um grupo de pessoas falantes de línguas Bantu, não tem formas de vida muito diferente de outros povos da costa oriental africana. Suas casas tradicionais eram circulares, com telhado cónico, mas devido a influência da cultura Swahili, adoptaram o estilo rectangular.

### **3.1.3. Swahili**

De acordo com Moiane (2002, p.11) e Mattos (2012, p.44), o termo Swahili provém de uma deformação fonética da palavra *Sahil*, que significa em Árabe clássico, “costa” “litoral”, daí o plural “*Swahili*” com uma apelação geográfica a um espaço determinado, isto é, continente, oceano ou mar. A sua designação é encontrada em Ibn Said que referencia a costa perto de Qunbalu e outras cidades da Abissínia (Mattos 2012, p.44).

Esta designação do termo Swahili foi usada pelos Omanitas, quando penetraram, pela primeira vez, no sultanato de Zanzibar, no início do século XIX (Mattos 2012, p.44). Mas de acordo com Sik (1966, p.153), a palavra Swahili vem de distintas pessoas Bantu que são chamadas de “Shirasi”.

Segundo as evidências linguísticas, crónicas de dinastias reinantes e evidências arqueológicas de algumas ruínas e cidades da costa oriental africana indicam a origem Swahili como sendo Árabe associada com a expansão da religião islâmica proveniente do médio oriente (Macamo 2003, p.3). Entretanto Allen (1974, p.105-39), em similaridade com outros estudiosos, pensa que os Swahilis tiveram origem Árabe ou Persa que inclui todos aqueles falantes da língua Swahili.

As primeiras escavações arqueológicas feitas em Kilwa e Manda sobre a pré-história da cultura Swahili concentram-se nas cidades de pedra, com uma forte influência da cultura Islâmica, reforçando o pensamento a cerca de uma rota Árabe-Islâmica da cultura Swahili que culminou

com a colonização da costa oriental africana por cidades islâmicas e Árabes a partir do século X (Chittick 1963 citado por Macamo 2003, p.3).

Mais tarde, esta ideia foi abandonada e passou a considerar-se as origens da comunidade Swahili como sendo africana. De acordo com Duarte (1993, p.38) & Moiane (2002, p.12) foram vistas as raízes Bantu para a formação do Proto-Swahili que são comunidades que habitaram no norte do Quênia. Os falantes de língua Bantu conhecidos como do “*Extremo Oriente*” percorreram a partir da região dos grandes lagos para à costa africana, seguindo os rios e fixando-se na região de Tana.

As comunidades Swahili estabeleceram-se na costa leste de África desde o primeiro Milénio, concretamente na Somália (Mogadíscio), ao norte de Moçambique, incluindo as Ilhas Zanzibar, Pemba, Máfias, o arquipélago das Comores e Madagáscar (Mattos 2012, p.45; Abungu 1992, p.96). Escavações feitas por Ricardo Teixeira Duarte, nos anos de 1980, na região norte de Moçambique mostram que os Swahili ocuparam Somaná a partir do século XII-XV; Lumbo no século XIV (Duarte 1988) e Vamisi nos séculos XII-XVI (Duarte 1993). A dispersão destas comunidades ao longo da costa oriental africana assume uma grande importância em relação a compreensão social das cidades costeiras (Duarte 1993; Figura 4).

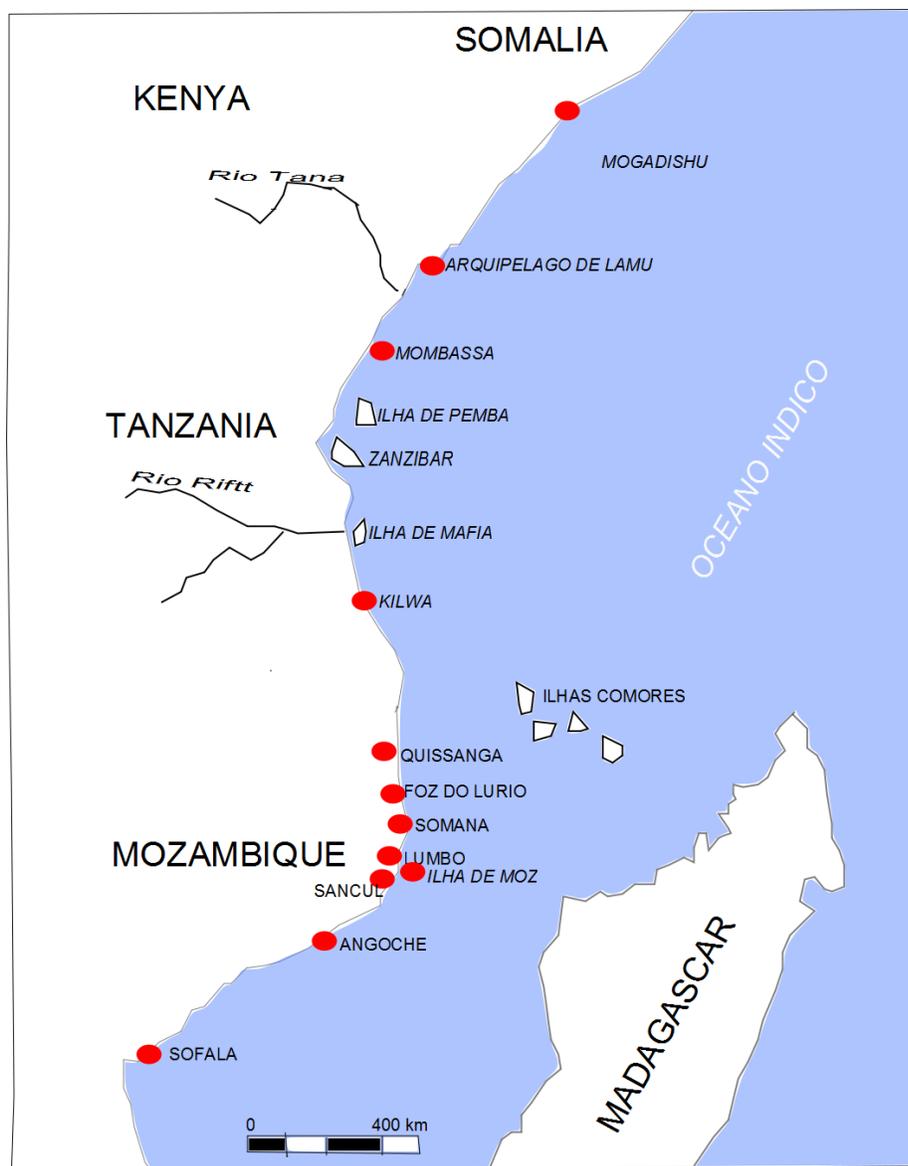


Figura 4: Estabelecimentos ligados com a comunidade Swahili na costa oriental africana, adaptado por Abudo Faquira (2015).

### 3.2. Dialectos Swahili no norte de Moçambique

Naharra, Koti e Kimwane, (Ilha de Moçambique, Angoche e Ibo respectivamente), são dialectos Swahilis falados na região costeira do norte de Moçambique, que fazem parte de uma grande família de línguas Bantu, usadas numa grande parte da região da África Austral (Kroger 2005, p.5; Schadeberg *et al* 2000, p.5) e de acordo com Duarte & Menezes (1994, p.3; figura 5), esses dialectos da região costeira do norte de Moçambique pertencem ao “Mundo Swahili”.

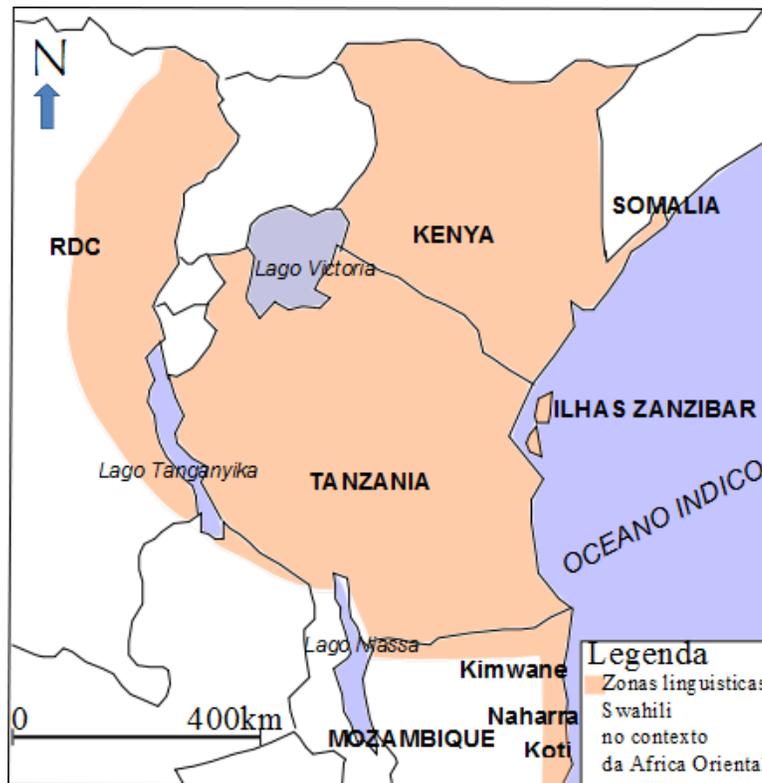


Figura 5: Língua Swahili em África, (Faquira 2015).

Esses dialectos Swahili surgem na sequência da expansão do povo Swahili pela costa oriental africana a partir da região de Tana (Quênia). A integração dos Swahili no comércio do Oceano Índico, as migrações pelo mar, os casamentos e contactos com outros grupos recém-chegados do Quênia e Tanzânia desenvolveram uma cultura que se designou por cultura Swahili, que em Moçambique se encontra evidenciada por estes dialectos para além de outras evidências entre elas testemunhos arqueológicos como veremos adiante.

### 3.3. Organização política e social das sociedades costeiras

De acordo com Matveiev (2010, p.511), até ao século XII, as sociedades costeiras não constituíam uma camada social homogênea no que concerne ao plano étnico e social. No plano étnico além de ser uma comunidade de língua Bantu, estavam associados a outros elementos do interior do continente e do exterior como é o caso dos Árabes, Persas e Indianos. No plano social, existia uma classe dirigente distinta. A estrutura social estava fundamentada em clãs ou grupos étnicos.

De acordo com Madiquida (2007), a classe da elite vivia em casas sólidas bem construídas feitas de pedras e cimento e a classe constituída por uma população pobre vivia em cabanas de uma forma temporária.

De acordo com Mattos (2012, p.60) é possível perceber que as sociedades costeiras do norte de Moçambique compartilhavam algumas características em relação as formas de organização política com as comunidades Macuas do interior. Ambas eram caracterizadas por uma estrutura política hierarquizada, na qual o poder do chefe principal era sustentado pela fragmentação do território em pequenos chefiados, cujos chefes subordinados tornavam-se aliados por meio de laços de parentesco e/ou pela doação de terras.

No interior, os chefes eram chamados de *Muno ou Mwene*, enquanto no litoral levavam a designação de *Xeque* ou *Sultão*, não obstante estes eram considerados também de *Munyini* ou *Monhé* (este ultimo termo é encontrado especialmente na documentação portuguesa). Embora concentrasse os poderes judiciais e executivo em suas mãos, o chefe principal governava junto a um conselho, formado por sua família (Mattos 2012, p. 61).

Tradicionalmente encontravam-se estruturadas em linhagens, onde os membros dos diversos grupos sociais se identificam através da sua própria filiação. De acordo com Lerma (1987) é dentro dessas linhagens e dos substratos sociais e económicos que se analisam as relações de dependência e a posição dos membros dos diferentes sexos e gerações nos processos produtivos e reprodutivos das sociedades costeiras no norte de Moçambique, que é predominantemente matrilinear, cujos filhos pertencem ao *nihimo* (linhagem) da mulher e a sucessão se faz por via uterina.

O homem vindo de fora e de outra linhagem, quando se casa integra-se na célula familiar da mulher. O tio materno tem um papel determinante na Educação das crianças e também assume a responsabilidade de distribuir as terras pelas suas sobrinhas casadas, onde o casamento é matrilocal e pelos sobrinhos uterinos que residem naquele território (Pereira s/d).

### **3.4. Organização Económica das sociedades costeiras**

A economia das sociedades costeiras baseava-se na agricultura, pesca marítima e o comércio (Matveiev 1971, p.26-27). Segundo Al-Idrisi Citado por Chittick (1963, p.183), a pesca foi a primeira actividade principal das sociedades costeiras, conforme provam as evidências de dieta alimentar, como por exemplo, moluscos, tartaruga e peixe encontradas nas várias estações arqueológicas da costa oriental africana.

Os relatos Árabes mencionam também o consumo frequente de peixe, frutos do mar e moluscos pela população local. As fontes Árabes mostram também a colecta e venda de pérolas, conchas, carapaças de tartaruga marinha e âmbar. As conchas eram utilizadas para a manufactura de pratos, colheres e colares (Chittick 1971, p.108-112). Contudo, importa salientar que essas fontes Árabes não georreferenciam um espaço geográfico em que essas actividades foram praticadas, mas sim dão uma indicação de toda costa oriental de África.

A agricultura foi a segunda maior actividade praticada pela sociedade costeira ao longo da costa. Al-idrisi citado por Chittick (1963, p.190) enumera as seguintes culturas: Banana, Inhame, Sorgo e Coco, e fala-se de Açúcar e do Tamarindo que data no século XV. No norte de Moçambique foram achadas algumas evidências de sorgo por Adamowicz, que datam do século VII (Duarte1993, p.44).

Segundo Chittick (1971, p.120) em Kilwa (Kisiwani), havia Coco, Laranja, Limao, várias leguminosas, Cebola, Ervas aromáticas, Ervilhas e Milho. Na parte da Pecuária foram evidenciados Chifres, Ovelhas e Cabras.

As Cidades eram centros comerciais onde afluíam mercadorias. As escavações arqueológicas feitas em Zanzibar mostram que o principal centro comercial era a cidade de Manda que floresceu até ao século IX e X e continuou até ao século XIII (Chittick 1967) e a Cidade de Kilwa (Tanzânia) sendo este ultimo o importante assentamento comercial da região da costa oriental africana. Nestes locais foram encontradas evidências materiais de cerâmica de origem Sassânida com características idênticas as que foram encontradas na região sul de Moçambique na estação arqueológica de Chibuene (Sinclair 1991, Macamo 2006).

As pesquisas arqueológicas efectuadas em Kilwa (Kisiwane) evidenciam um quadro de uma vida comercial bastante activa. Aqui, foram achadas evidências arqueológicas como: cauris (cipreia *anulus*), usados como moeda, fragmentos de cerâmica importada com decorações de linhas incisadas em amarelos com reflexos recobertos de esmalte verde-escuro e louça compacta de Madagáscar (Chittick 1971, p.123). A partir do século XIV, algumas regiões auríferas como por exemplo Sofala estavam sob domínio dos sultões de Kilwa, que nomeavam os governadores locais (Chittick 1971, p.123).

Os produtos mais importantes importados para a região da costa oriental africana eram porcelanas, tecidos e vasos de vidro. A primeira cerâmica importada para o leste de África foi a cerâmica da dinastia Tang e depois a loiça vidrada Sassânida (azul esverdeada), comercializada após o primeiro Milénio. Os produtos exportados eram o marfim, ouro e escravos (Duarte 1993). Importa salientar que o sistema de troca na costa oriental africana desempenhou um papel importante e fundamental para o crescimento das cidades Swahili.

No norte de Moçambique, concretamente na província de Cabo Delgado, a partir do século XIX e início do século XX, o processo comercial dependia do Sultanato de Zanzibar, em que as cidades eram satélites do mesmo (Madiquida 2007), e em Nampula, na Ilha de Moçambique, segundo mostram a ocorrência de cerâmica da olaria tracejada indicam uma grande ligação com o entreposto de Kilwa por volta do século XIII-XIV (Duarte & Menezes 1994, p.11). Neste contexto, a região norte de Moçambique tinha dois sistemas de troca: *inter-regional e a longa distância*. Mas antes dos Swahili se engajarem no sistema de comércio internacional na costa oriental africana, estavam envolvidos no sistema de troca de redistribuição, conforme nos provam as evidências de cerâmicas com motivos de decoração com características idênticas das comunidades utilizadoras de ferro (Madiquida 2007).

Segundo Haller (1974, p.233), citado por Madiquida (2007), os Yao foram os pioneiros a desenvolver o comércio a longa distância na região norte de Moçambique. As escavações arqueológicas feitas em Cabo Delgado mostram a importância desta costa em termos de

processos de troca internacional, conforme nos provam as evidências de fragmentos de cerâmica, porcelana e missangas.

### **3.5. A Arquitectura na região costeira do norte de Moçambique integrada na África oriental**

De acordo com Duarte (s/d):

*“A arquitetura da região costeira do norte de Moçambique faz parte de uma cultura com características homogêneas ligadas ao desenvolvimento urbano da costa oriental africana. Este desenvolvimento urbano que se processou a partir dos finais do primeiro milénio, deu origem a importantes cidades, algumas já arruinadas, como Quíloa na Tanzânia e Gedi no Quênia, outras ainda em vida como Lamu, Zanzibar.”.*

Para Allen (1974, p.47-49) o desenvolvimento e a evolução dessa arquitectura remonta do século XII. De acordo com Matveiev (1981, p.527), a primeira fase é conhecida como período Arcaico, onde as suas edificações são caracterizadas por uma técnica de construção que consiste em assentar blocos de coral, com argila vermelha.

O segundo período, a partir do século XIII/XV, é apontado como a fase da arquitectura Clássica Swahili, (Chittick 1963, p.179-87; Allen 1974, p.49-53) na qual se destaca a utilização de pedras de coral trabalhadas em cantaria com motivos decorativos (Duarte 1993; Figura 6).

Em Moçambique, as ruínas da arquitectura Swahili Clássica são encontradas na estação arqueológica de Somaná, na província de Nampula, distrito de Nacala-à-velha. De acordo com Duarte (1987, p.11;1993; Figura 7 e 8), este tipo de arquitectura é similar às características arquitectónicas de outras regiões da costa oriental africana como é o caso do Quênia, Tanzânia, Somália e Madagáscar. Existe uma afinidade evidente entre a porta principal de Somaná e a porta principal da mesquita de *Fakhr-el-Din* em Mogadíscio datada do século XIII. A configuração arquitectónica destas ruínas é também idêntica à das Ilhas Comores datada do século XIII-XIV.

De acordo com Duarte (1993, p.65):

*“As Semelhança de Painéis de Nichos são evidentes nas ruínas de Somaná e no Palácio de Sultões de Husuni Cubua que data do século XIV. Ambos painéis estão muito danificados, mas alguns restos mostram que eles foram cuidadosamente esculpidos em coral (Porites), representando portas reais em miniatura”.*

Com essas similaridades podemos concluir que existe uma unidade básica a homogeneidade em todos elementos que combinam para formar um estilo de construção comum em toda a costa oriental africana.



*Figura 6: Ruínas de Somaná, elementos arquitetónicos de influência Swahili período do Clássico – Moçambique (Fotografias, Ricardo T. Duarte 2013).*



*Figura 7e 8:Arquitetura da costa oriental africana, 1-Gedi (Fotografia, Ricardo T. Duarte 2015) e 2- Kilwa (Fotografia desconhecido).*

O terceiro período é caracterizado por uma arquitectura do renascimento, designada arquitectura “*Renascentista*” em Inglês “*Revival*” que remonta aos séculos XVIII e XIX, em que surgem novos elementos arquitectónicos como por exemplo a elaboração de motivos decorativos em argamassa de reboco “*plaster*”(Ricardo T. Duarte, pers. Com.).

Esta arquitectura tem como exemplo as ruínas de Tungi que inclui um Palácio, duas mesquitas, um pequeno grupo de casas e dois túmulos que datam aproximadamente a partir do Século XVIII (Duarte 1987, p.11). A arquitectura da ruína de Quisiva, localizada no arquipélago das Quirimbas, foi habitada em primeira mão pelos Swahili e depois pelos Portugueses. As construções cobrem cerca de ¼ de hectare, onde no meio das ruínas são encontradas duas cisternas com a capacidade de 10 mil litros e 3 mil litros respectivamente. As paredes revelam uma construção de 5 metros de altura, revestidas de argamassa através de uso de giz, areia e pedra de coral (Duarte 1993, p.74-77). Esta construção foi transformada e ampliada significativamente em diferentes épocas de ocupação a partir dos Swahili até a ocupação dos Portugueses.

De acordo com Duarte (1987, p.12; 1993, p.76; Figura 9), este tipo de arquitectura está patente também, na estação arqueológica de Pangane que se localiza na península com o mesmo nome. Estas ruínas datadas do século XVII-XIX, ocupam uma área de cerca de 10 hectare. As construções são caracterizadas por três mesquitas e outras construções de alvenaria, que hoje, provavelmente são evidenciadas por algumas estruturas em pé e outras de paredes que caíram através da erosão do mar.



O senhor misericordioso, o nosso senhor e senhor dos anjos. Faça-nos viver com a sua misericórdia e nos conceda no paraíso. "amin".  
17 de muharam ( 1 mes de hijri)  
(traduzido por Abdala Sarajabo).

*Figura 9: Arquitectura de influência Swahili do período Renascentista das Ruínas de Pangane; (Fotografias, Ricardo T. Duarte 2005).*

### 3.6. Tradições de Cerâmica da região costeira do norte de Moçambique

De acordo com Chami (1998, p.207), os dados recentes sobre a costa oriental africana, indicam que esta região pode ter sido ocupada pelo menos desde o Paleolítico Superior. As estações que mostram as evidências de pedra neste período foram encontradas em várias partes da costa da Tanzânia e Quênia. Artefactos microlíticos também foram achados nas estações arqueológicas de Mutesa perto da Mombassa e Kiwangwa perto de Bagamoyo.

*“As indicações, que existem até agora sobre a costa Swahili, sugerem que as comunidades do Paleolítico Superior produziam cerâmica provavelmente a partir do Século XI a.C. A ocorrência de uma estratificação da indústria microlítica abaixo dos primeiros horizontes da cerâmica EIW (Early incised ware – Antiga Loiça de Linhas de incisão) das primeiras comunidades utilizadores de ferro sugere-nos que estes foram sucedidos com essas comunidades através de uma mudança de cultura natural”* (Chami 1998, p. 208).

De acordo com Chami (1998), vários autores têm referido que até recentemente os arqueólogos da costa oriental africana tinham poucos conhecimentos sobre as comunidades que ocuparam a costa oriental africana antes do século IX d.C. É importante aqui realçar que foram as comunidades que produziam cerâmica EIW (*Early incised ware – Antiga Loiça de Linhas de incisão*) que substituíram os povos do Paleolítico Superior. As evidências arqueológicas dessas comunidades, ao longo da costa oriental africana, são encontradas na estação arqueológica de Kwale localizada nas colinas Shimba no sudoeste de Mombassa.

Para além da cerâmica da EIW, esta região contém a cerâmica da tradição TIW (*Loiça incisa triangular ou triangular incised were*) ou simplesmente tradição Tana associada ao comércio de produtos exóticos (Chami 1994;1998; Figura 10). Esta tradição ocorre nas várias estações arqueológicas da costa da Tanzânia nomeadamente: Mpiji e Kaele no Norte de Dar-es-Salam, Kiwangwa e Masuguru no interior de Bagamoyo e Misasa no Sul de Dar-es-Salam. Os dados mais recentes indicam também que há ocorrência dessa tradição nas seguintes estações arqueológicas: Dakawa Unguja, Pemba e perto do delta Rufiji.

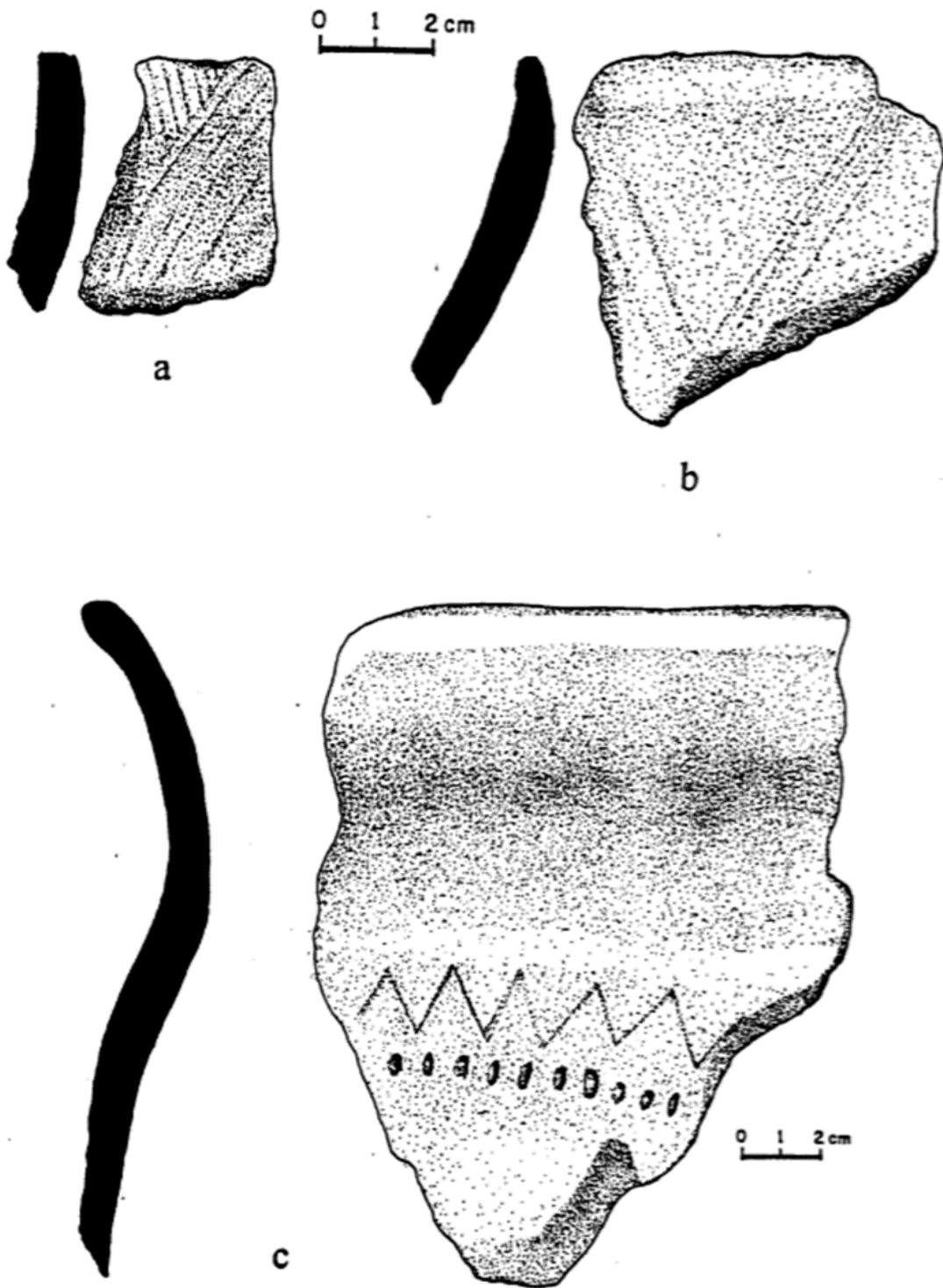


Figura 10: Cerâmica da Tradição Tana proveniente da estação arqueológica de Pujini Mosque (Akuma 1995).

Apesar de alguns arqueólogos moçambicanos mencionarem a ocorrência de um quadro semelhante de desenvolvimento entre a cerâmica da EIW e a cerâmica da TIW na costa de Moçambique, como é o caso da estação arqueológica de Chibuene (Sinclair 1982; Macamo 2006; Chami 1998), ainda não foram encontrados fragmentos desta cerâmica no norte de Moçambique.

De acordo com Adamowicz(1987),na região norte de Moçambique a Idade de Ferro Inferior é representada por quatro tipos de tradições culturais respectivamente: *Nampula A*( 1st s.B.C- 3s AD), *Nampula B* (3-7s AD, *Nampula C* (7-10s AD) e *Monapo*( 9<sup>th</sup> AD).

A *Tradição Nampula A*(1st s.B.C- 3s AD) cuja cerâmica é caracterizada por potes de um gargalo largo, com borda invertida (Adamowicz 1987). Os motivos de decoração compreendem uma extensa banda de linhas de incisão oblíquas ou vertical, com alguns exemplos de linhas cruzadas (Sinclair 1991). Esta cerâmica é encontrada nas estações arqueológicas de Namikopo, Murrapaniwa, Nampula, Makhoher, Muhekane e Xacota, (Adamowicz 1987, p.188; Figura 11).

A *Tradição Nampula B* (3-7s AD), ocorre nas estações arqueológicas de Makoher, Janga, Rio Lúrio, Saua Saua, Riane e Nakwaho (Adamowicz 1987). A cerâmica desta tradição é caracterizada por potes com bordos apertados ou virados para dentro. A estampa dentada é a principal característica. As tigelas apresentam bordos não decorados (Sinclair 1991, p.187-188; Figura 12).

A *Tradição Nampula C* (7-10s AD) é caracterizada por potes com bordas verticais com bandas simples com estampa dentada. Outro motivo de decoração são múltiplas bandas de impressão de plantas e linhas finas de impressão vertical (Sinclair 1991). Este tipo de cerâmica é evidenciado em Mutawania, Muhekani, Murrapania IV, Xacota e, finalmente, em Tototo II (Adamowicz 1987).

A *Tradição Monapo* (9<sup>th</sup> AD) apresenta fragmentos de coloração branca e é caracterizado por potes decorados com motivos de zig-zag, estampas de conchas, bandas com impressão de conchas horizontais ( Sinclair 1991). A cerâmica desta tradição ocorre nas estações arqueológicas de Monapo, Namialo II e III, Serra Mesa, Namulepiwa e Mwakone (Adamowicz 1987; Figura 13).

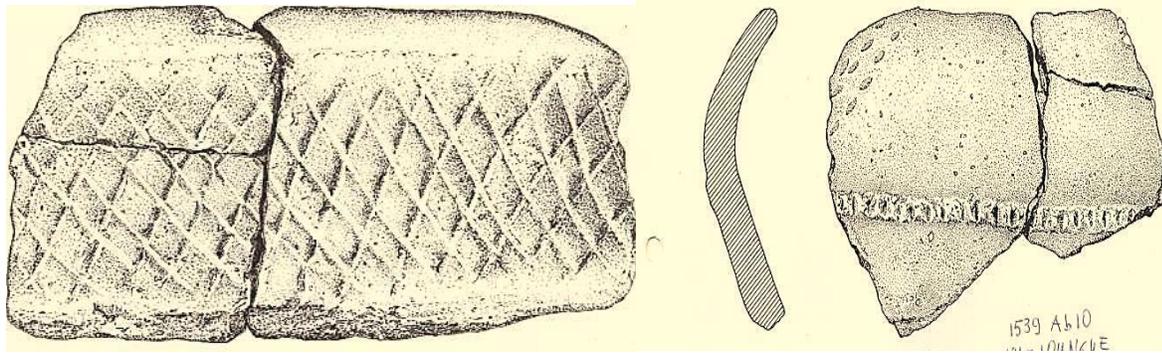


Figura 11: Tradição Nampula A (Adamowicz 1981).

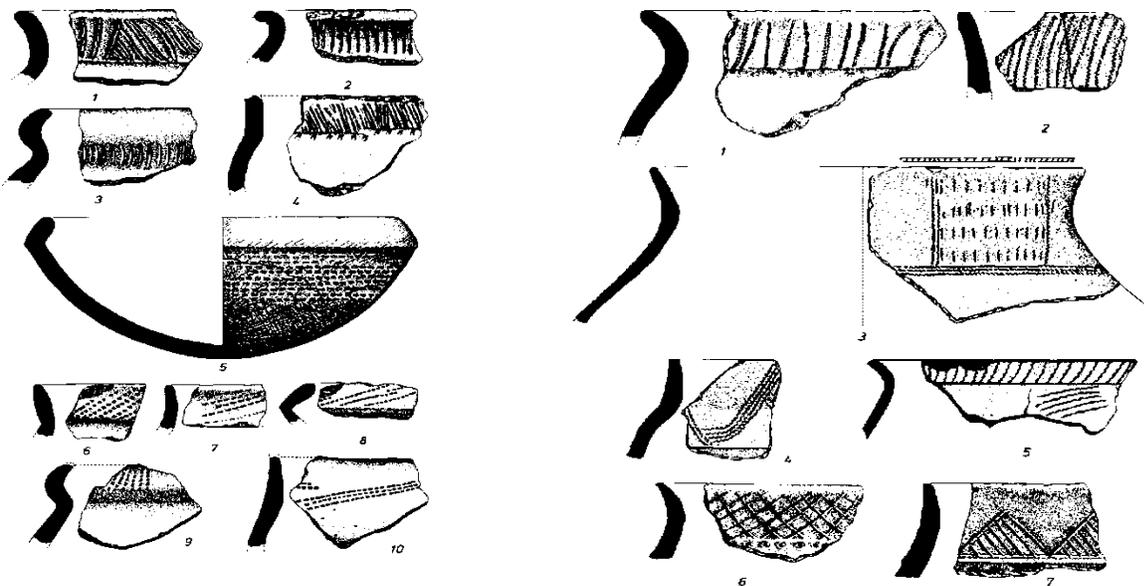


Figura 12: Tradição Nampula B (Adamowicz 1981) Figura 13: Tradição Monapo (Adamowicz 1981).

Esta região também evidencia a cerâmica da Idade de Ferro Superior que ocorre na zona costeira de norte de Moçambique e aparece associada ao desenvolvimento do comércio a longa distância no Oceano Índico, época que começou a surgir os primeiros centros urbanos junto a costa.

A cerâmica desta época é conhecida pelas tradições Lumbo e Sancul. A cerâmica da tradição Lumbo é encontrada nas estações arqueológicas de Lumbo Ponte (Sinclair 1985), Somaná (Duarte 1993), Foz do Lúrio (Duarte 1993; Madiquida 2007) e Quissanga Praia (Madiquida 2007), Quisiva (Duarte 1987), Macaloe (Duarte 1993) e Vamisi (Liesegang 1988). Esta tradição é datada a partir do Século XIII-XIV, na qual se destaca a decoração predominantemente

estampada. De acordo com Duarte (2013, p.22; Figura 14), a tradição Lumbo evidencia as seguintes características: “ocorrências de uma alta percentagem de gamelas decoradas abaixo de bordo predominantemente com motivos estampados, estes motivos decorativos aparecem arranjadas em bandas, triângulos e polígonos e outras figuras geométricas geralmente delimitadas por traços ou incisões”.

Nesta região também segue-se a tradição Sancul, que ocorrem nas estações arqueológicas da Ilha de Moçambique (Duarte & Menezes 1994), Sancul, Lumbo Praia (Sinclair 1985), Quissanga Praia (Madiquida 2007), Ilha de Matemwe (Madiquida 1997), Ibo (Sinclair 1987) e Gomene (Duarte 1993). A cerâmica desta tradição é datada a partir do Século XV e possui as seguintes características: decoração de ocre, linhas de incisão finas sombreadas e motivos aplicados (Macamo 2006; Figura 15).

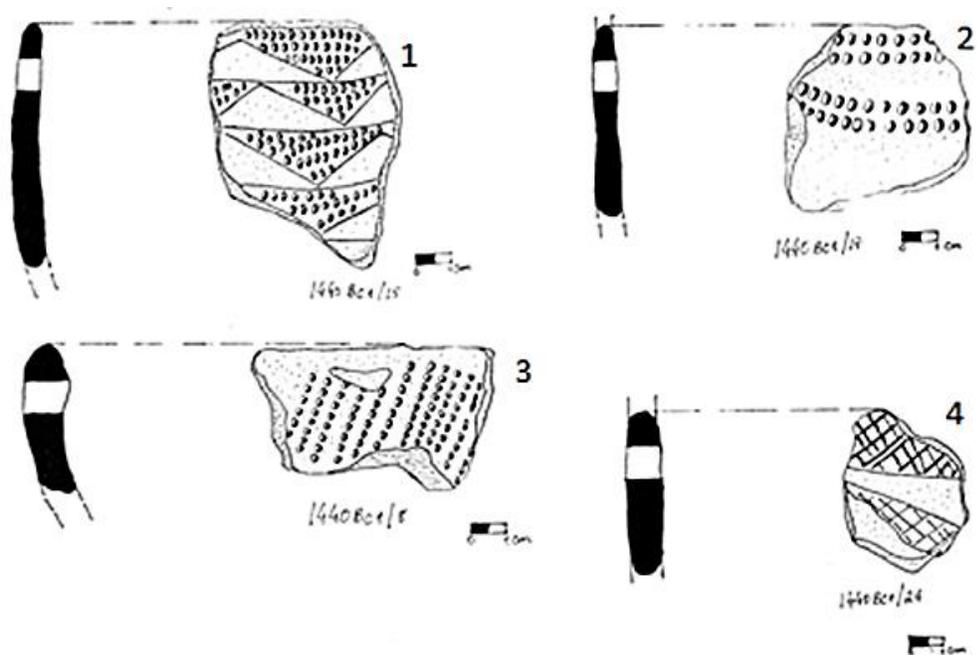
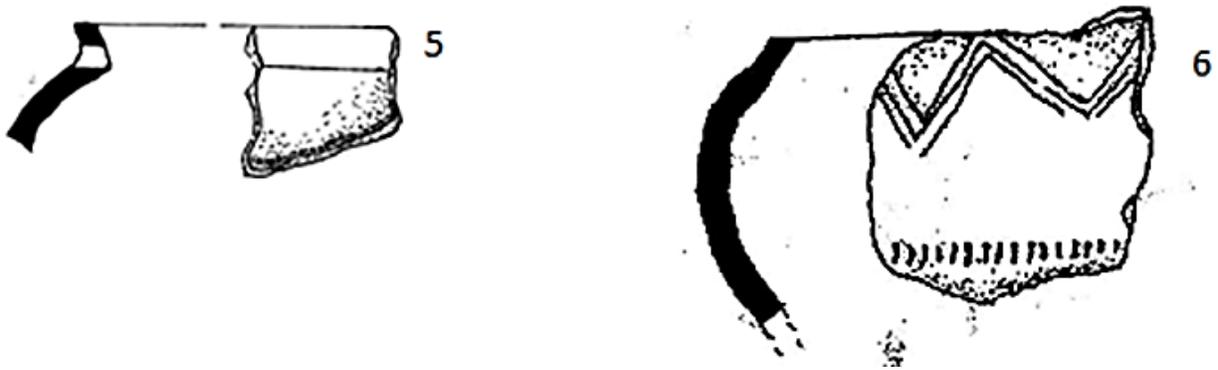


Figura 14: Cerâmica da Estação Arqueológica de Somaná- 1,2,3,4 (Tradição Lumbo)



*Figura 15: Cerâmica da estação arqueológica de Sancul (tradição Sancul).*

**Legenda:**

- 1- *Decoração estampada com bandas triangulares e outras formas geométricas.*
- 2- *Fragmento de cerâmica com decoração estampada sem bandas triangulares.*
- 3- *Fragmento de Cerâmica com decoração estampada sem bandas triangulares.*
- 4- *Fragmento de cerâmica com decoração com bandas triangulares delimitadas por linhas de incisão.*
- 5- *Sem decoração, mas apresentam ruínas arredondadas.*
- 6- *Decoração com Linhas de incisão finas em forma de Ziguez com impressão de desenho.*

Mas a questão que se coloca é: será que podemos considerar a cerâmica dessas duas últimas tradições (Tradição Lumbo e Sancul) como sendo da cultura Swahili? De acordo com Adamowicz (1987, p.79), toda a cerâmica encontrada na costa do oceano Índico pertence à tradição Swahili. De acordo com este autor, há uma prosperidade de Kilwa a partir do século XII-XIV, devido ao controle comercial e político sobre os países vizinhos e a costa de Moçambique. Contudo, esta influência restringiu-se em algumas pequenas ilhas e feitorias comerciais (Sofala). É de realçar que a presença de Muçulmanos foi responsável pela génese nas sociedades pré-coloniais como no caso de sultanatos e Xicados de Quitangonha, Sancul, Sangage e Angoche ao longo da Costa.

Contudo, Duarte (2012) entende que as estações arqueológicas ligadas ao desenvolvimento urbano e comércio a longa distância na costa norte de Moçambique, devido as características específicas da sua cerâmica, revelam uma persistência de uma ocupação de base local (tradições culturais Lumbo e Sancul).

Importa considerar que na zona costeira da região norte de Moçambique, existem outros povos para além dos Swahili, como é o caso dos Macuas, Macondes e Maraves (na zona sul da província de Nampula). A documentação que temos até agora disponível indica que as comunidades Swahili (Kimwani, Naharra e Koti) eram reduzidas e restritas a pequenas áreas, sendo especulativo relacionar estas tradições (Lumbo e Sancul) com as mesmas, isto, embora a tradição Lumbo seja a que ocorre em Somaná, com características arquitectónicas de influência marcadamente Swahili (Ricardo T. Duarte, pers. Com.).

## **CAPÍTULO -IV**

### **4. Estações arqueológicas Ligadas ao comércio a longa distância no norte de Moçambique**

Na região norte de Moçambique existem várias estações arqueológicas associadas ao comércio a longa distância, nomeadamente: Ilha de Moçambique, Cabaceiras, Lumbo Ponte, Lumbo Praia, Sancul, Somaná, Angoche, Ibo, Foz do Lúrio, Gomene, Arquipélago das Quirimbas, Quisiva, Pangane, Macaloe, Tungi, Quiwia, Mbwisi, Vamisi, Quissanga Praia, Ilha de Matemwe, Caverna de Bambara e Matela. Porém, apenas se caracterizou as seguintes:

#### **4.1. Ilha de Moçambique**

A Ilha de Moçambique localiza-se na costa do Oceano Índico a 180 km a leste da cidade de Nampula. Tem uma área territorial de 445 km<sup>2</sup> e forma um arquipélago que fazem parte três pequenas ilhas não habitadas, a Ilha de São Lourenço, a Ilha de Goa e a Ilha de Sena.

A Ilha de Moçambique faz parte de grupo de ilhas formadas por grés costeiro através da precipitação de cloreto de cálcio e da cimentação subsequente das partículas de areia. Sobre essa camada de grés costeiro, uma formação rochosa mais recente é composta por organismos

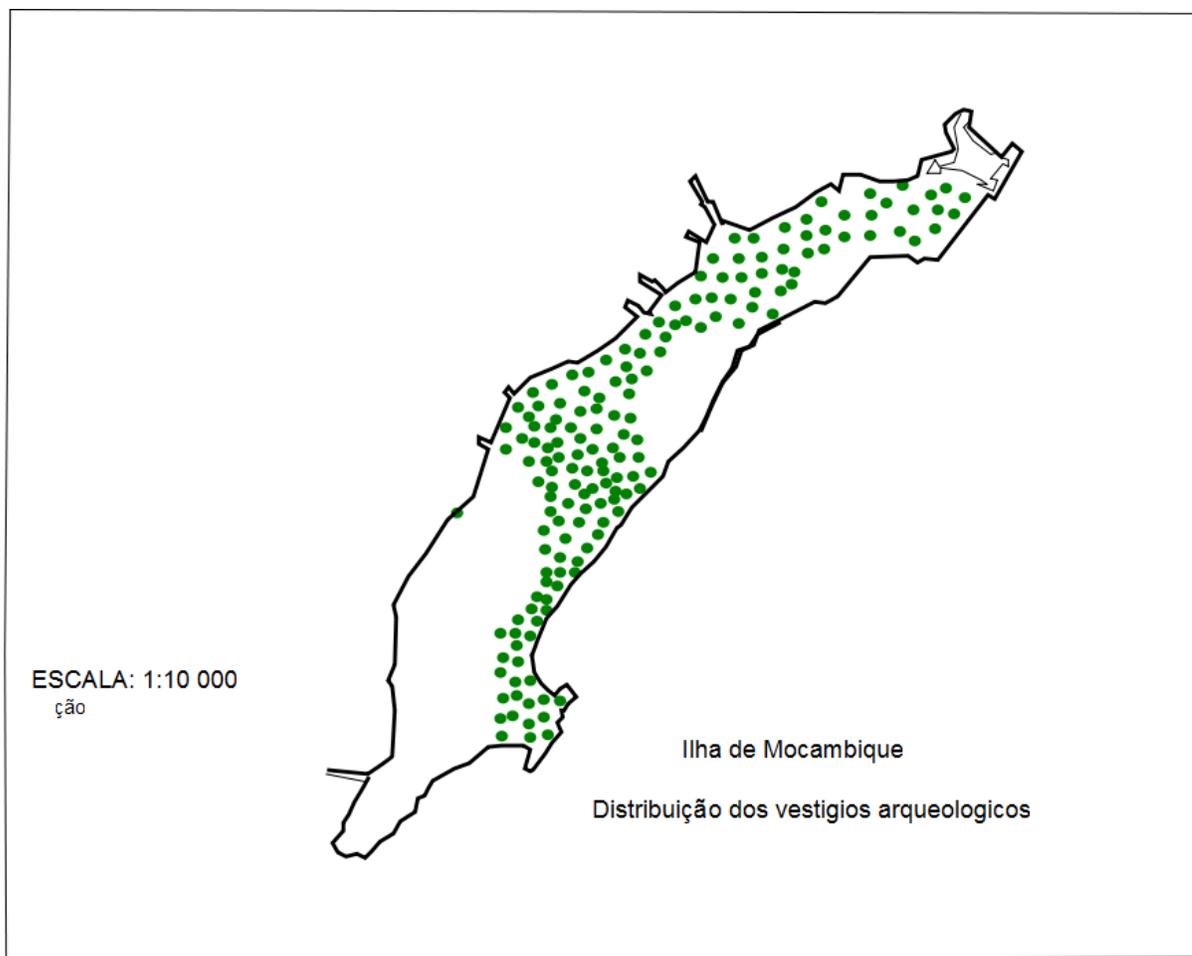
marinhos fossilizados, especialmente corais (Omar 2012). A maior parte dos solos desta Ilha são cobertos por uma camada de areia terciária branca e fina. A topografia é relativamente plana e o nível varia entre 9,07 metros acima do nível médio das águas do mar.

De acordo com Hotton *et al* (1994, p.10), no que diz respeito à vegetação, pode-se afirmar que, ao longo dos anos, a intervenção humana gerou profundas modificações na cobertura vegetal original. A actual vegetação da ilha é resultante da introdução de várias espécies provenientes da zona continental, bem como da Ásia, América Latina e da Austrália.

Segundo Duarte & Menezes (1994, p.12; Figura 16 ), nas escavações efectuadas na Ilha de Moçambique foram achados maioritariamente fragmentos de cerâmica local pertencente a tradição Sancul, além de outras evidências como porcelanas europeias e chinesas do século XVIII e XIX, ossos e carvão.

A ocorrência da cerâmica tracejada na Ilha de Moçambique pode-se deduzir uma ocupação do Século XIV e a sua ligação entre a Ilha de Moçambique e entreposto de Kilwa. Neste contexto, a existência das evidências da tradição Sancul, na Ilha de Moçambique, pode-se confirmar que a Ilha de Moçambique foi ocupada pelas populações locais a partir do século XV-XVI.

A Ilha também é caracterizada em grande parte por traços arquitectónicos de característica Swahili, que fazem parte de uma cultura com características homogéneas ligadas ao desenvolvimento Urbano da costa oriental africana. São evidências desta arquitectura os pátios interiores com varanda. A organização do espaço segue um plano axial com as divisões sucedendo-se numa sequência paralela à varanda igualmente da tradição Swahili. Para além dessas características, as casas possuem corredores perpendiculares à varanda que atravessa a casa do pátio interior até a rua (Duarte s/d).



*Figura 16: Distribuição dos vestígios arqueológicos na Ilha de Moçambique (Duarte & Menezes 1994).*

#### **4.2. Lumbo**

A estação arqueológica de Lumbo localiza-se na província de Nampula, distrito da Ilha de Moçambique, Posto Administrativo de Lumbo. Nesta região foram identificadas duas estações arqueológicas denominadas por Lumbo Ponte e Lumbo Praia. De acordo com Duarte (1993), a estação arqueológica de Lumbo Ponte foi escavado por Sinclair e Cruz e Silva, em 1978, e apresenta uma predominância de cerâmica de tigelas decoradas com motivos estampadas e outras formas geométricas irregulares na parte superficial abaixo do bordo.

De acordo com Duarte (1993, p.60), a estação de Lumbo Ponte é muito importante, porque foi a primeira a fornecer um conjunto significativo de cerâmica, o que permitiu a caracterização de uma tradição comum, a um número apreciável das estações arqueológicas na costa norte de Moçambique(Nampula e Cabo Delgado), datada do século XIII-XIV.

### **4.3. Sancul**

A estação arqueológica de Sancul localiza-se no distrito da Ilha de Moçambique, Posto administrativo de Lumbo, bairro do mesmo nome. Esta estação é caracterizada por uma cerâmica que compreende motivos de decoração de ocre, linhas de incisão finas e sombreadas e motivos aplicados. De acordo com Sinclair (1985); Duarte (1993) & Macamo (2006), a característica específica da cerâmica desta estação é chamado de “Tradição Sancul”, e data a partir do século XVII- XIX.

Este tipo de cerâmica encontra-se distribuído, ao longo da costa norte de Moçambique, nas estações arqueológicas da Ilha de Moçambique (Duarte & Menezes 1994), Lumbo praia (Sinclair 1985), Angoche, Foz do Lúrio (Duarte 1993) e Quissanga (Madiquida 2007). Esta cerâmica de Tradição Sancul tem uma semelhança significativa com os cacos de cerâmica encontrada no naufrágio de Santo António de Tana que data a partir de 1697 AD (Macamo 2006).

### **4.4. Somaná**

A estação arqueológica de Somaná localiza-se no norte de Moçambique, na província de Nampula, distrito de Nacala-à-Velha. A estação foi descoberta pela equipa da Universidade Eduardo Mondlane, liderada por Ricardo Teixeira Duarte em 1983 (Duarte 1993;Figura 17).

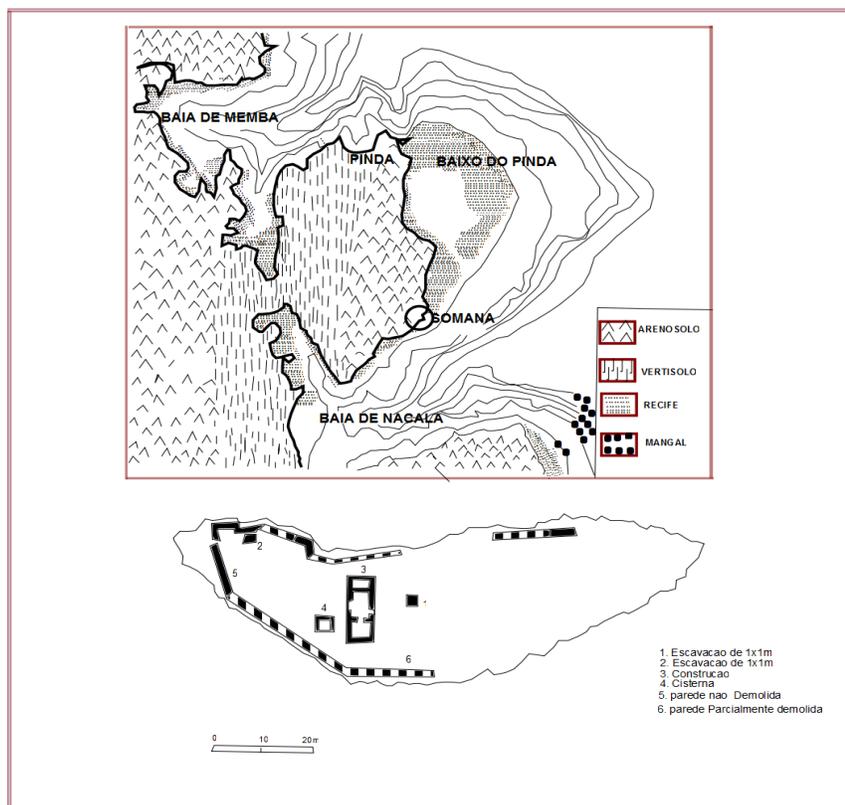


Figura 17: Estação arqueológica de Somaná (Duarte 1993).

A estação é composta por uma pequena Ilha e região vizinha que se estende por uma área de aproximadamente 50 hectare na faixa costeira por onde se distribuem vestígios de antigas habitações e objectos arqueológicos. Na Ilha estão ainda evidentes ruínas com características arquitectónicas Swahili que são caracterizadas por uma parede em torno do perímetro da Ilha, algumas partes quase são intactas e outros locais estão totalmente destruídas. O muro da parede foi construído com pedras de coral cimentado por uma argamassa de cal e areia. Em alguns lugares no meio da parede foram abertas buracos rectangulares com uma dimensão de 10 por 30 cm (Duarte 1993, p.63).

De acordo com Duarte (1993), a parede é dividida em duas camadas; um fundo com blocos brutos de coral e na parte de cima com blocos cortados. O tipo de pedra utilizado é diferente em ambas camadas. Além da parede existe mais duas construções na Ilha; uma cisterna com uma capacidade de 5.62. por 3.47 e 1.35 metros e uma construção de 16 por 4.20 metros, dividido em

uma central e dois compartimentos laterais e um terraço acessível por uma escada a partir do exterior.

A partir do compartimento central, há uma porta que dá acesso a outros compartimentos. No lado oposto, existe um outro compartimento de 3.20 por 3 metros que pode ter sido utilizado como uma cisterna (Duarte 1993, p.64). Há ainda evidências de furos de inserção para os postes de madeiras para suportar o telhado.

De acordo com Duarte (1993, p.64-5), duas portas que davam acesso a partir do exterior para o compartimento central, estão artisticamente trabalhado revestido e esculpido com motivos florais que são idênticas a uma construção Swahili. Neste compartimento central tem dois painéis com três fileiras de nichos. A ausência de Mihrab mostra que este não foi utilizado como uma mesquita apesar de todas as mesquitas ao longo da costa oriental africana não ser identificáveis através de *Mihrab*.

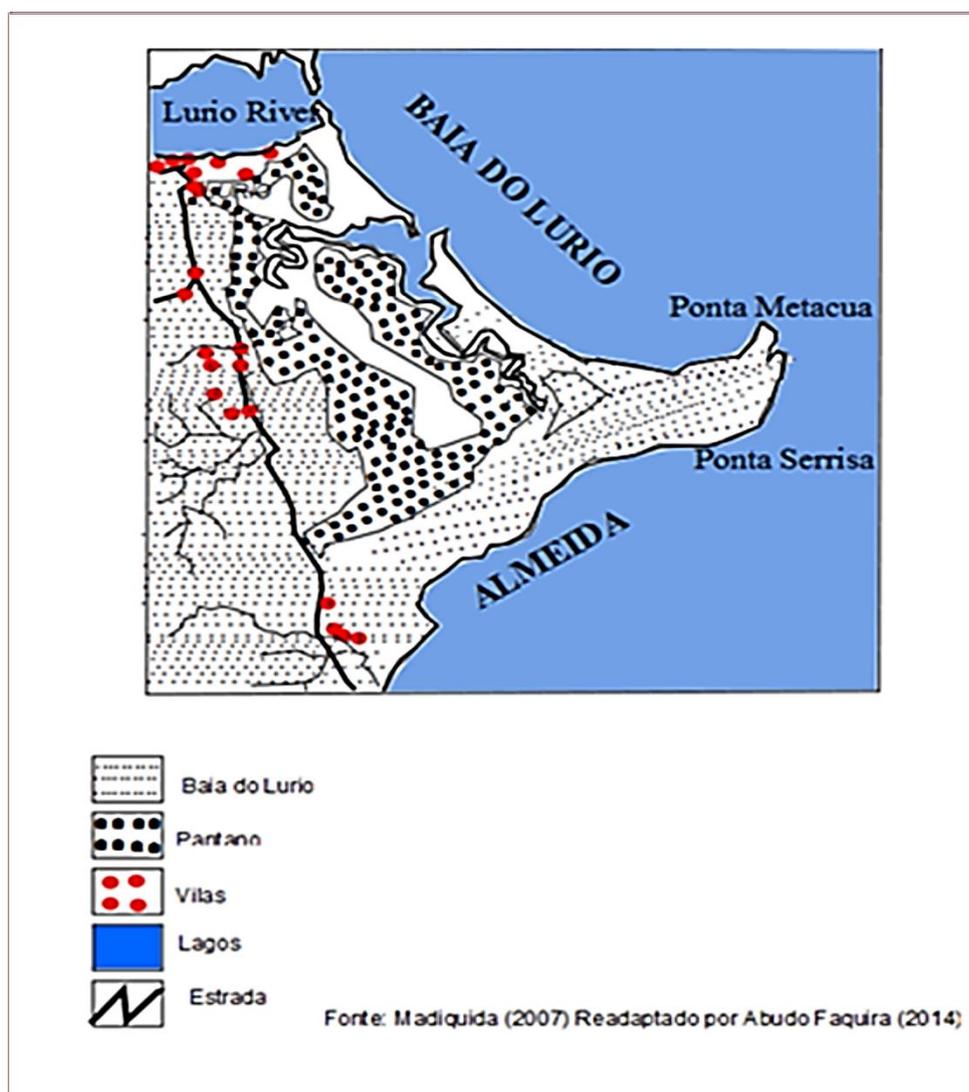
A cerâmica encontrada nos trabalhos arqueológicos (Sinclair 1991;Duarte1993) pertence à tradição Lumbo e data do século XIII-XIV AD (Duarte 1993). As afinidades dessa cerâmica, no que concerne à forma de decoração, evidenciam um grande significado de parentesco entre os antigos habitantes das estações da Idade de Ferro Final no norte de Moçambique (Duarte 1993). A olaria é decorada com bandas triangulares e outras formas geométricas, estampadas. Tem afinidades com a cerâmica encontrada na Ilha de Ibo, Foz do Lúrio, Quissanga e Lumbo ponte (Duarte 1988, p.65).

#### **4.5. Foz do Lúrio**

De acordo com Madiquida (2007; Figura 18), a estação da Foz do rio Lúrio está localizada numa pequena elevação formada por terraços quaternários do rio Lúrio, na área administrativa do mesmo nome, com as seguintes coordenadas geográficas 13° 31' 50.72'' S, e 40° 30' 13.15'' E.

A estação de Lúrio mede aproximadamente 150 metros de Norte-Sul e cerca de 50 metros de Este-Oeste. A estação foi descoberta por Ricardo Teixeira Duarte em 1983, onde realizou uma prospecção na qual recolheu vários objectos de origem local e importados. Em 1983, Duarte e

uma equipa da Universidade Eduardo Mondlane realizaram escavações com objectivo de compreender detalhadamente a estratigrafia do local.



*Figura 18: Estação arqueológica da Foz do Lúrio (Madiquida 2007).*

De acordo com Madiquida (2007; Figura 19 ), na estação arqueológica da Foz do Lúrio foram escavadas duas sanjas de 2X2, quatro (4) sanjas de 1X1 em uma área de grande concentração de fragmentos de cerâmica. Durante a escavação realizada por Madiquida identificou pilares que parecem estar associadas às casas.



*Figura 19: Elevada concentração de fragmentos de cerâmicas na superfície da estação da Foz do Lúrio (Fotografia, Madiquida 2007).*

De acordo com o mesmo autor, a cerâmica encontrada na estação arqueológica do Lúrio corresponde a aquela associada com as comunidades da Idade de Ferro Superior (Tradição Lumbo). Porém, a 100 km do Oeste perto da ponte entre Cabo Delgado e província de Nampula ao longo do Lúrio, Duarte (1993) encontrou alguma cerâmica que se pensa pertencer aos assentamentos das comunidades da Idade de Ferro Inferior, levando-nos a concluir que as comunidades moviam-se ao longo da base do Lúrio. As Evidências de cerâmica importada no local indicam contactos e trocas a longa distância com outras pessoas.

A área que foi habitada por estas comunidades é ainda ocupada devido a sua fertilidade. As zonas baixas são próprias para o cultivo de cereais principalmente o arroz, sorgo e milho. A floresta suporta a diversidade da caça como antílopes, porcos selvagens, roedores, etc (Duarte 1993, p.68). As evidências das escavações mostram claramente que a economia destas

comunidades não era só baseada na agricultura e caça, mas também na pesca, tecnologia de ferro e trocas a longa distância.

As coleções recolhidas à superfície e das escavações deram informações ricas, que podem ajudar a interpretar a estação da foz do Lúrio. Uma quantidade de conchas, escória de ferro, ossos de animais e missangas ajudaram a identificar a economia das comunidades que viveram neste local no passado (Madiquida 2007). Os fragmentos de cerâmica encontrada mostram que a estação da Foz do Lúrio apresenta com frequência os motivos de decoração por bandas em triângulos e outras formas geométricas, estampada, que demonstram afinidades com a cerâmica da estação arqueológica de Somaná.

A partir da decoração da sua cerâmica, a estação da Foz do Lúrio, sem dúvida pertence a tradição Lumbo e foi datado pelo Carbono 14, aproximadamente a 835 B.P. (Século XII), mas alguns fragmentos da tradição Sancul também aparecem (Duarte 1993, pp.68). Foram encontradas ainda fragmentos de origem europeia, mas em poucas quantidades e missangas vidradas pintadas em cores diferentes, branco com linhas azuis, vermelhas, cinzentas com linhas azuis. Mostrando a sua inserção no comércio a longa (Madiquida 2007, p.70; Figura 20).



*Figura 20: Porcelana portuguesa do Séc. XX, Foz do Lúrio ( Fotografia, Madiquida 2007).*

#### **4.6. Quissanga Praia**

A estação arqueológica de Quissanga Praia localiza-se na região Setentrional de Moçambique, na província de Cabo Delgado no distrito de Quissanga acerca de 200km a norte da estação de estuário de Lúrio e a 1km do Posto administrativo de Quissanga, com as coordenadas geográficas 12026' 22" S e 40<sup>0</sup> 29' 44" E.

De acordo com Madiquida (2007), a estação arqueológica de Quissanga é composta por ruínas da cultura Swahili com casas construídas com corais de pedras e pintadas, características comuns em muitas estações arqueológicas costeiras da região norte de Moçambique.

Os restos de cerâmica da estação arqueológica de Quissanga Praia são variados e compostos por mercadorias locais e que foram importadas da cultura Swahili ou Ásia, como resultado de prolongados contactos comerciais. Os motivos de decoração reflectem as diferenças entre várias culturas (Madiquida 2007, p.70). A cerâmica encontrada nesta estação pertence a tradição Lumbo e Sancul que datam do século XII-XIV e XVII-XIX respectivamente, com frequências de tigelas decoradas com estampas, bandas ou em padrões irregulares logo por baixo do lábio e linhas de incisão cruzadas.

De acordo com Madiquida (2007, p.94; Figura 21), além da cerâmica local, a estação arqueológica de Quissanga evidencia uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica de origem asiática e europeia. Esses fragmentos de porcelanas estão decorados de diferentes maneiras. Alguns mostram cenários naturais, tal como representações de animais e folhas, paisagísticos como rios e lagos e arquitectónicos, como é o caso das de origem europeia que apresentam casas e até mesmo castelos.



*Figura 21: Período anterior e superior da porcelana Chinesa da Quissanga Praia, 1-5, 7-8. Porcelana do século XX, da Quissanga Praia, 6,9-16 ( Fotografia,Madiquida 2007).*

#### **4.7. Angoche**

Evidências arqueológicas de um antigo povoamento Swahili foram recentemente encontradas em Angoche no âmbito de um trabalho de pesquisa dirigido pelo arqueólogo Edward Pollard em que participei. Angoche e as suas Ilhas tiveram um papel de realce no comércio costeiro desde a antiguidade com particular realce a partir do Século XVIII com envolvimento no comércio de escravos. Justino Botelho, na obra “ *História Política e Militar dos portugueses em Moçambique*”. Salienta que embora este tráfico fosse praticado em toda a costa, nas zonas de Quelimane, Angoche e Cabo Delgado eram as de maior incidência. Considerando mesmo Angoche como “*antro do comércio de escravatura*”, no qual alguns negreiros chegaram a construir fortificações defendidas por infantaria e artilharia (Botelho 192, p.153; Figura 22).



*Figura 22: Equipa de pesquisa em Angoche (2015).*

## **CAPÍTULO- V**

### **5. Estado de conservação das estações arqueológicas ligadas ao comércio a longa Distância no norte de Moçambique**

De acordo com a seguinte tabela, apresentamos uma sistematização sobre o estado de conservação das estações arqueológicas na região norte de Moçambique. A tabela abaixo foi elaborada com base nas imagens das estações arqueológicas publicadas por vários autores, que fizeram pesquisas na região costeira do norte de Moçambique (Duarte 1993; Madiquida 2007; Sinclair 1991; Adamowicz 1987; Figura 23).

Estas estações estão em deficiente estado de conservação devido ao abandono, patente com o crescimento e instalação das árvores frondosas nas paredes ou mesmo a edificação de habitações dentro do perímetro das estações arqueológicas.

Como se pode ver esta tabela, a maioria das estações arqueológicas encontram-se com graves problemas de conservação, causado por factores humanos e Naturais. Tendo como referência as

informações constantes em obras publicadas sobre as várias estações arqueológicas efectuou-se a seguinte tabela de controlo do nível de conservação.

N	MUITO BOM	BOM	MAU	RAZOAVEL	RUINA
01			Matela		Ilha de Matemwe
02			Foz do Lúrio		Gomene
03			Ilha de Moçambique		Quissanga Praia
04			Lumbo		Somaná
05			Sancul		Pangane
06			Ilha do Ibo		Tungui
07					Cabaceiras
08					Angoche
TOTAL	00	00	06	00	08

*Figura 23: Tabela de controlo de nível de conservação das estações Arqueológicas da zona costeira do Norte Moçambique, baseados nos critérios usados na DNPC (Abudo Faquira 2014).*

Conforme ilustra a tabela acima aludida, a maioria das estações arqueológicas encontram-se com graves problemas de conservação. No gráfico que apresentamos em seguida não foi encontrado nenhuma estação arqueológica, num estado de conservação Muito Bom, Bom e Razoável, mas sim foram encontradas numa escala de 100%, 08 estações arqueológicas em ruínas que correspondem a 57% e 06 estações arqueológicas em Mau estado de conservação o que corresponde a 43%, (Figura 24).

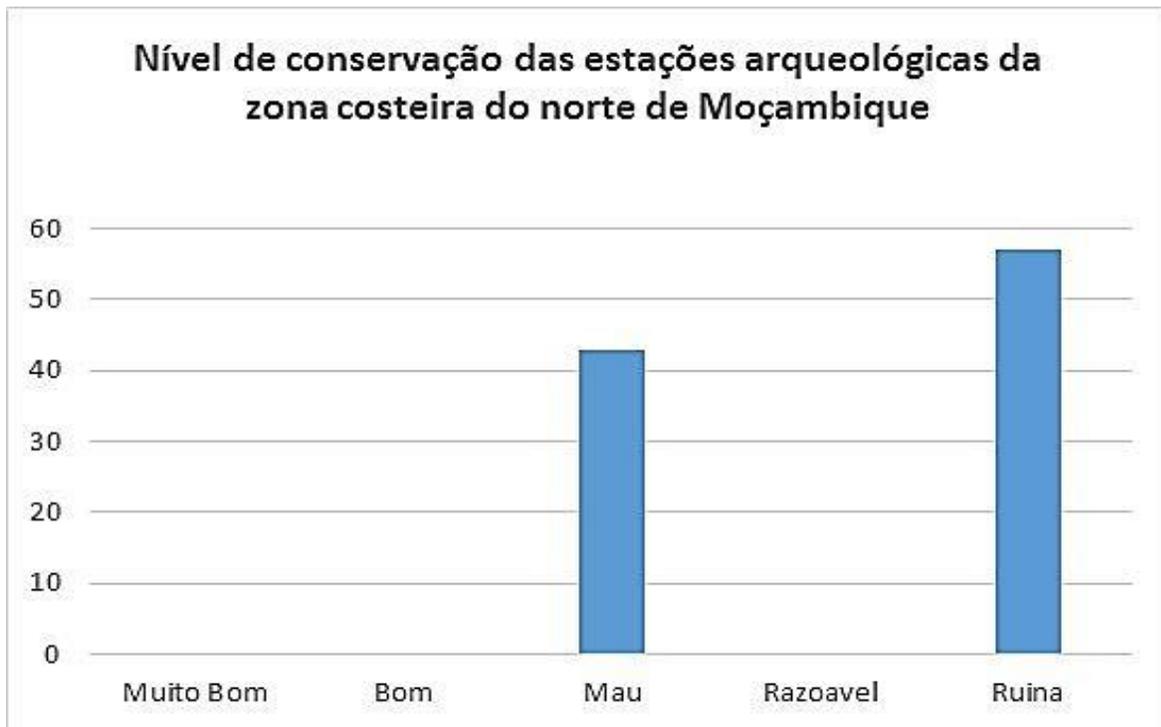


Figura 24: Gráfico de controlo de nível de conservação das estações arqueológicas no norte de Moçambique (Abudo Faqira 20014).

### 5.1. Factores que afectam a deterioração e destruição das estações arqueológicas

De acordo com Jopela *et al* (2012, p.12), existe dois factores que causam a má conservação das estações arqueológicas: factores naturais (erosão, animais, terramotos, inundações, etc) e factores humanos (negligência, ignorância, vandalismo, etc).

#### a) Factores naturais

Do conjunto de factores naturais que contribuem para a degradação acelerada do património Arqueológico destacam-se:

- ✓ Má conservação das ruínas, como é o caso da estação arqueológica de Somaná devido ao abandono;
- ✓ Erosão causada pelo mar da plataforma que constituem as estações;

- ✓ A vegetação característica da zona, que permite o desenvolvimento de árvores frondosas, a dimensão das suas raízes que cresce nas paredes provoca as rachas sobre as ruínas, (Figura 25).



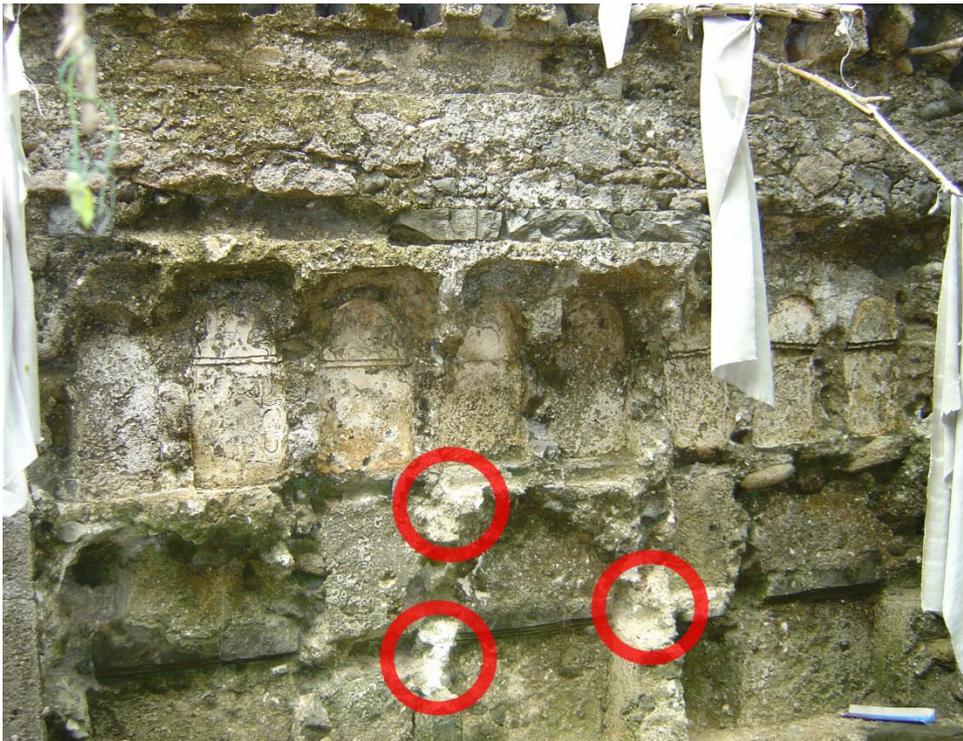
*Figura 25: Ruínas de Somaná. Imagens evidenciando trabalhos de consolidação efectuados pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia da UEM com o apoio dos CFM (Fotografias, Ricardo T. Duarte, 1983;2009).*

#### **b) Factores Humanos**

- ✓ Ocupação por cultivadores, pescadores e pequenos comerciantes principalmente que vivem nas casas com tecto feito de vara e com palma, localmente conhecidos como “*Macute*” ou capim e outras com ferro. Estas pessoas constroem suas casas em locais, que formalmente há cidades, desenhadas pelas mesmas condições naturais como as comunidades do passado. De acordo com Madiquida (2007), em alguns locais no caso da estação arqueológica de Quissanga, enquanto escavam pilares para a construção das casas, foram encontradas fragmentos de potes de cerâmica, porcelana chinesa, tigelas, assim como ossos humanos.
- ✓ A procura excessiva de artefactos como missangas, moedas de ouro e prata, fragmentos da porcelana da Dinastia Ming, que datam desde o século XIII têm levado a desenfreadas escavações desencadeadas, principalmente pelos jovens na Ilha de Moçambique para fins

comerciais, que para além de provocar erosão em vários pontos costeiros, constitui também uma ameaça à perda de uma parte significativa do património arqueológico, porque as instituições de tutela não conseguem ter registo de diferentes amostras de artefactos de interesse arqueológico e cultural da Ilha de Moçambique (Omar, 2013, p.36).

- ✓ Nas ruínas de Somaná que é, hoje, um local de intenso culto ligado à religião e crenças tradicionais, os curandeiros retiram pedaços de pedra de coral das construções para manufacturarem medicamentos tradicionais o que muito tem prejudicado a correcta conservação destes importantes monumentos arqueológicos,(Ricardo T. Duarte, pers. Com.;Figura 26).



○ Evidencias recentes de destruição do trabalho de coral

*Figura 26: painel de Nicho das ruínas de Somaná, onde retiram pedaços de pedra de coral das construções para fazer medicamento tradicional (Ricardo T. Duarte pers.com.) (Fotografia, RicardoTeixeira Duarte 2004).*

Estes factores advêm de motivos económicos, políticos e até sociais. Moçambique dá prioridade a questões sociais como por exemplo: saúde e educação, em detrimento das questões culturais; falta de uma interacção entre as autoridades competentes e a comunidade local; desconhecimento por parte da população do valor cultural e patrimonial desses locais arqueológicos. Outro factor crucial que se pode constatar é a falta de educação formal, ou seja, não inserção de informações ligadas com arqueologia e gestão do património nos manuais escolares.

Acções de disseminação de informações poderiam ser fomentadas. De acordo com Ferreira (2011), deveria ser fomentado a presença de arqueólogos junto das autoridades e comunidades locais de modo á leva-los a compreender o passado. É ilustrativa a afirmação de Solange Macamo “ *Um País que não dá valor à Arqueologia, ao seu passado, é como um indivíduo sem memória*”.

## **5.2. Desafios para conservação das estações arqueológicas**

Com este trabalho podemos incentivar o conhecimento da população sobre arqueologia, a história da cidade e da região para que possam, a partir desse reconhecimento, valorizar e preservar o património arqueológico através de:

- ✓ Envolver a população local no processo de preservação, conservação das estações arqueológicas;
- ✓ Despertar a reflexão da comunidade para a necessidade de valorização de todo o património arqueológico, reforçando o processo de cidadania;
- ✓ Criação de uma estratégia específica de comunicação através da publicação da história de estações arqueológicas nos curriculum escolares do nível Básico e Secundário;
- ✓ Colocação de placas alusivas às estações arqueológicas para uma maior consciencialização das comunidades;
- ✓ Adopção de programas da educação não-formal com tentativa de fornecer serviços educacionais, transmitindo a mensagem de arqueologia a comunidade da região onde se localizam as estações arqueológicas.

## 6. Considerações Finais

As evidências arqueológicas da costa oriental africana sustentam que a região costeira do norte de Moçambique foi ocupada por populações falantes de línguas Bantu, inseridas no comércio regional e internacional no Oceano Índico, desde o primeiro Milénio. Dentro destas comunidades Bantu estão integrados os Swahili. No norte de Moçambique também se destacam outros grupos nomeadamente: Macuas e Macondes.

Estas comunidades desenvolveram-se em grande parte devido à expansão do comércio marítimo que originou o aparecimento das cidades costeiras na região norte de Moçambique com uma arquitectura “*Suis Generis*”, numa primeira fase caracterizada pelo desenvolvimento de uma arquitectura Arcaica (século XII) e depois Clássica (século XIII-XV), como é o caso das ruínas de Somaná e mais tarde pela arquitectura Renascentista (século XVIII-XIX) das ruínas de Pangane, Quissiva, Ilha de Moçambique, Angoche e Tungi que indicam claramente as suas ligações como importantes actividades comerciais das comunidades costeiras. Estas evidências arquitectónicas encontram o seu paralelo em toda a região costeira da África Oriental em importantes locais como Kilwa (Património da Humanidade da UNESCO), Gedi e muitas outras antigas cidades costeiras.

Estas evidências têm estado sujeitas a um processo de degradação. Por este motivo verifica-se a necessidade de implementação de medidas de protecção que deveriam incluir o seu estudo, conservação e divulgação baseada da seguinte forma:

- ✓ Fazer as estações arqueológicas um recurso cultural e histórico que pode ser documentado e desenvolvido no contexto da educação e turismo sem causar dano às estações.
- ✓ Elaboração de um sistema de gestão, que envolve o conhecimento de técnicas de investigação, protecção e conservação destinado à comunidade da região afectada pelas estações arqueológicas.

## Referências Bibliográficas

- Abungu, G. 1992. *The coastal Settlements: Spatial distribution. In urban origins in eastern África*, proceedings of the 1991 workshop in Zanzibar, P.J.J. Sinclair & A. Juma (Eds). Stockholm: the Swedish central board of national antiquities.
- Adamowicz, L. 2013. *Na pista da antiguidade: Pesquisas arqueológicas da brigada arqueológica “CIPRIANA” desde 1981 e outras.* Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Adamowicz, L. 1985. Report and comments on the progress of “CIPRIANA 81-85” Archaeological Research Project in Nampula Province 6. Maputo.
- Adamowicz, L. 1987. *Contribuição para o conhecimento da Arqueologia entre os rios Lúrios e Ligonha, província de Nampula.* Trabalhos de Arqueologia e Antropologia n°3. Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Akuma, N. 1995. *Reconnaissance of sites Bearing Triangular incised (Tana Tradition) ware on Pemba Island, Tanzania.* Department of Anthropology, university of Virginia. Virginia.
- Allen, J. 1974. *Swahili architecture in the later middle age.* Sources: African arts. Vol.7, n°2, P.47-84.
- Allen, J. 1974. *Swahili culture reconsidered some historical implications of the material Culture of the northern Kenya coast in the eighteenth and nineteenth centuries.* Azania.
- Botelho, J.M.T. 1921. *História militar e política de Portugal em Moçambique: de 1833 aos nossos dias.* Ministério da Educação. Biblioteca e Arquivo histórico. Imprensa da Universidade. Lisboa.
- Chami, F. 1998. *A Review of Swahili Archaeology.* The African Archaeological Review. Vol. 15. No.3. Published by: Springer, p 199-218.
- Chami, F. 1994. *The Tanzanian Coast in the first Millennium AD.* Uppsaliensis SAA 7, Uppsala.
- Chittick, N. 1971. *The coast of east Africa*, in: SHINNIE, P.L, ed. African iron age. Oxford, Clarendon press, p. 108-41.
- Chittick, N. 1963<sup>a</sup>. *Kilwa and the Arab settlement of the east African coast.* JAH, 4(2), p.179-90.
- Chittick, N. 1971. *The coast of east Africa*, in: SHINNIE, P.L, ed. African Iron Age. Oxford, Clarendon press. pg 108-41.

- Chittick, N.1963<sup>a</sup>. *Kilwa and the Arab settlement of the east African coast*. JAH, 4(2), p.179-90.
- Duarte,R.T.1987. *Escultura Maconde*. Departamento de Arqueologia e Antropologia, e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane.Maputo.
- Duarte, R.T. 1988.*Arqueologia da Idade de Ferro em Moçambique (1974-1988)*. Retrospectiva do trabalho realizado. Trabalhos de Arqueologia e Antropologia n<sup>o</sup>5. Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane.Maputo.
- Duarte, R.T. 2013. *Arqueologia de Salvaguarda: Relatório de Prospeção e escavação Arqueológica no Ramal Ferroviário de Nacala-a-Velha secção (8). Projecto Moatize- expansão Porto*.
- Duarte, R.T.1987. *Moçambique e o Índico: Ruínas Swahili*. In trabalhos de Arqueologia e Antropologia n<sup>o</sup>3. Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane.Maputo.
- Duarte, R.T. 1993.*Northern in Mozambique in the Swahili World*. Eduardo Mondlane University. Maputo.
- Duarte,R.T(s/d).Considerações sobre o Património Arquitectónico e Artístico da Ilha de Moçambique. Trabalho não Publicado.
- Duarte,R.T; Menezes, P. 1994. *Arqueologia da Ilha de Moçambique*. Relatório preliminar.Maputo.
- Ferreira, M.2011.*A gestão do património arqueológico pelo estado brasileiro: O caso do sítio arqueológico do Morro da Queimada, Ouro Preto-MG*.
- Hoguane, A. 2007. *Revista de Gestão Costeira Integrada 7(1): Perfil Diagnóstico da Zona Costeira de Moçambique*. Universidade Eduardo Mondlane, Escola Superior de Costeira de Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras, Chuabo Dembe, P.O.Box 128. Quelimane.
- Jopela, A; Macamo,S; Muianga,D ;Filipe,K; Moucha,M ;Nguirazi,T.2012. *“Manual de conservação do Património Cultural Imóvel em Moçambique”*. Ministério da Cultura-Direcção Nacional do Património Cultural (DNPC). Maputo.
- Macamo, S. 2003. *Origem Swahili:O trabalho não publicado de Anneli Ekblom (2000) “trade development on the southeastern coast of Africa in the first Millennium, a Southern perspective”*. Maputo: Departamento de Arqueologia e antropologia , Universidade Eduardo Mondlane. Uppsala: Uppsala University.

- Macamo, S. 2006. *Privileged places in South Central Mozambique: the Archaeology of Manyikeni, Nimara, Songo and Degue-Mufa*. Studies in Global Archaeology IV. Department of Archaeology and Anthropology, Eduardo Mondlane University, Maputo, Mozambique and African and comparative Archaeology, Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.
- Madiquida, H. 2007. *The Iron-using Communities of the Cape Delgado Coast from AD1000*. Department of Archaeology and Anthropology, Eduardo Mondlane University, Maputo, Mozambique and African and Comparative Archaeology, Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.
- Mattos, R.A. 2012. *As dimensões da Resistência em Angoche: da expansão política do sultanato à política colonialista portuguesa no norte de Moçambique (1842-1910)*. Departamento de História. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Matveiev, V. 1981. *O desenvolvimento da civilização Swahili*. In História de África. Vol.4. p. 511-538. São Paulo.
- Menezes, M. 1988. *Idade da pedra em Moçambique: in trabalhos de Arqueologia e Antropologia*. Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane-Maputo.
- Micoa, 1998. *Macro diagnóstico da zona costeira de Moçambique: 1 documento principal*. Imprensa universitária. UEM. Maputo.
- Ministério da Cultura, 2003. *Inventário Nacional de Monumento, Conjunto e Sítio*. Direcção Nacional Património Cultural. Departamento de Monumento. Maputo, Moçambique.
- Misiugin, V. M. 1972. *K voprosu o proiskhozhdenii moreplavaniia: sudostroeniia v indiiskom oke- ane*. Contribution à la question de l'origine de la navigation ET de la construction navale dans l'Océan Indien. In: SOOBShCHENIE ob issledovanii Protoindi- iskikh tekstov. Moscou, Akademiia nauk SSSR (Trudy Instituta Etnografii im. N. N. Miklukho-Maklaia).
- Moaine, C.A. 2002. *Tradição Swahili em Moçambique: trabalho não publicado do curso de história de Moçambique até 1850*. Universidade Eduardo Mondlane-Maputo.
- Muchangos, A. 1999. *Paisagens e regiões naturais de Moçambique: Moçambique Setentrional*. Universidade Eduardo Mondlane-Maputo.
- Oliveira, O.R. 1971. *Arte rupestre em Moçambique*.
- Oliver, R. 1966. The problem of the Bantu expansion. JAH, VI, n.3, P. 361-76.

- Omar, L. 2013. *Os desafios para conservação ambiental e património cultural na Ilha de Moçambique*. Programa ambiental. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Palmer, J. 1949. "Periplus Maris Erythraei; the Indian evidence as to its date". CQ XLI, p.:136-41 (22)
- Perreira, L. S/d. *As dinâmicas das transformações no espaço da provincia de Nampula*.
- Ptolomeu, C. 1901. *Geographis*. Paris firman-didot, ed. C. Miller. IV 6.5,6, p. 743-5 (17)
- Rego, L. 1904. *Costa de Moçambique: guia de Navegação*. Lisboa-Imprensa Nacional.
- Rita-Ferreira, A. 1982. *Fixação portuguesa e história Pré-colonial em Moçambique*. Lisboa.
- Sheriff, A. 1980. *História geral da África: a costa da África oriental e seu papel no comércio Marítimo*. São Paulo.
- Sik, E. 1966. *The History of Black Africa, vol. I*. Budapest: académiái Kiado.
- Sinclair, P. 1982. "Chibuene- an early trading site in Southern Mozambique". Paideumia, 28, p.149-64.
- Sinclair, P. 1985. *An Archaeological Reconnaissance of Northern Mozambique, parts I e II*. In Working papers in African Studies n.12 e 13, University of Uppsala.
- Sinclair, P. 1991. *Archaeology in Eastern África: An Overview of Current Chronological Issues*. The journal of African History. Vol.32. No.2, p. 179-219.
- Wegher, L. 1995. *Um olhar sobre Niassa: traços histórico-etnológico*.